



COLEÇÃO PROINFANTIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO II

UNIDADE 3

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)

Roseana Pereira Mendes (Org.)

Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2005

Ficha Catalográfica – Maria Aparecida Duarte – CRB 6/1047

L788

**Livro de estudo: Módulo II / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005.
70p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 3)**

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

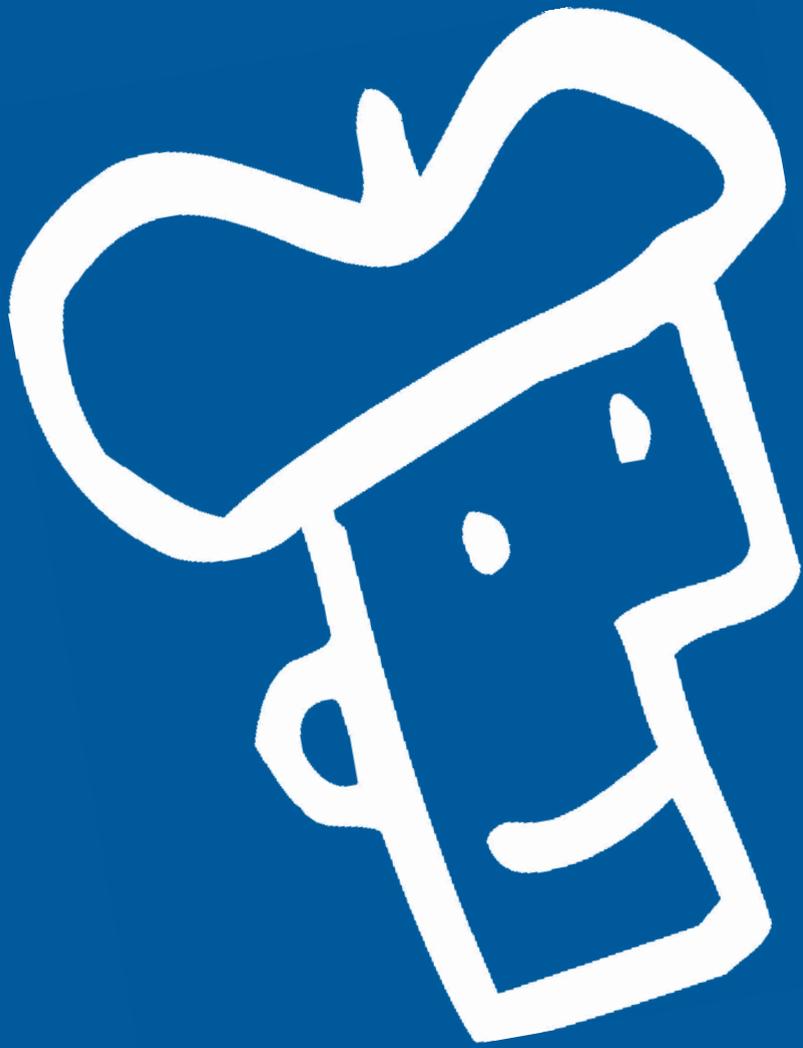
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO II

UNIDADE 3

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

PRODUÇÃO CULTURAL DA/PARA A INFÂNCIA..... 9

Seção 1 – A criança e a cultura..... 13

Seção 2 – Diferentes produções culturais da/para a infância:
televisão/mídia, teatro, cinema, música 21

Seção 3 – Diferentes produções culturais da/para a infância:
literatura, desenho, obras de arte,
patrimônio cultural, museus, festas populares 27

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

MEDIANDO O OLHAR DA CRIANÇA SOBRE O MUNDO..... 37

Seção 1 – O brinquedo e a brincadeira: o uso de materiais
estruturados e não estruturados (por educadores
e crianças) 41

Seção 2 – Produções culturais como instrumento pedagógico
na Educação Infantil..... 50

Seção 3 – As instituições de Educação Infantil e sua ação na
mediação da criança com o mundo 58

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 66

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRODUÇÃO CULTURAL DA/PARA A INFÂNCIA

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo.

Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a.

Paulo Freire¹



¹ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 35, 43.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Prezado(a) professor(a),

Estamos iniciando mais uma unidade de trabalho. Nesta unidade, estudaremos a produção cultural da infância e a produção cultural para a infância. Temos uma produção cultural que é produzida pela criança a partir de suas interações com as pessoas que convivem com ela e a partir do seu meio social, cultural, daquilo que ela conhece, vê, visita, enfim, a partir do mundo que está à sua volta. Por outro lado, temos uma produção cultural que é feita **para** a criança, que é pensada para ela e que recebe toda a carga do mundo atual.

Entendemos como produção cultural para a criança os filmes, as músicas, os brinquedos, os livros, as revistas, peças de teatro, propagandas, os programas de televisão etc. E essa produção cultural está entranhada da experiência da nossa época. Assim, é importante levarmos em consideração a influência da tecnologia nessa produção cultural para a infância. Mas será que sempre houve uma produção cultural específica para a criança? E hoje, o que é levado em conta quando se produzem brinquedos, filmes, músicas, revistas para as crianças? Existe alguma preocupação com a qualidade dessas produções? De que forma estamos lidando com essas produções na Educação Infantil? Levamos em conta que a construção da subjetividade pelas crianças está marcada por essas produções e não somente pelas relações que elas estabelecem na família e na escola?

Essas são apenas algumas questões que vamos tratar nesta unidade. É importante que tenhamos clareza do alcance da nossa função social como professores(as), para que possamos construir de fato uma educação democrática, que contribua para a efetiva formação de crianças autônomas, críticas, saudáveis.



DEFININDO NOSSO PONTO DE PARTIDA

Professor(a), esta Unidade 3 de **Fundamentos da Educação** está dividida em três seções: Seção 1 – A criança e a cultura; Seção 2 – Diferentes produções culturais da/para a infância: televisão/mídia, teatro, cinema, música; Seção 3 – Diferentes produções culturais da/para a infância: literatura, desenho, obras de arte, patrimônio cultural, museus, festas populares.

Os objetivos desta unidade são:

1. *Perceber a cultura como constituidora da subjetividade infantil, entendendo seu papel formador no cotidiano das instituições de Educação Infantil.*

2. *Discutir criticamente o papel das produções culturais pensadas/produzidas para a criança como mero espectador. Discutir as diferentes possibilidades de se trabalhar as diversas produções culturais com a criança no que diz respeito à televisão/mídia, teatro, cinema, música, em uma perspectiva de produção da criança.*

3. *Discutir criticamente o papel das produções culturais pensadas/produzidas para a criança como mero espectador. Discutir as diferentes possibilidades de se trabalhar as diversas produções culturais com a criança no que diz respeito à literatura, desenho, obras de arte, patrimônio cultural, museus e festas populares, em uma perspectiva de produção da criança.*

Esperamos que esta unidade possibilite a ampliação dos conhecimentos já construídos por você.



CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

A concepção ou visão de criança vem mudando muito ao longo da história. Se antes a criança era percebida apenas a partir de uma visão de preparação para *vir a ser* alguém no futuro, hoje a criança vem sendo entendida como um sujeito de direitos: um indivíduo com conhecimentos e necessidades próprias, que pensa criativamente, que tem desejos, que sofre, que sonha.

Lembrando o que estudamos em várias unidades do Módulo I: a Lei 9394/96, promulgada em dezembro de 1996, estabelece o vínculo entre o atendimento às crianças de 0 a 6 anos e a educação. Diz também que a criança é um ser de direitos, um cidadão, e, como tal, tem direito à saúde, à educação, à cultura, à brincadeira, ao afeto.

No título V, capítulo II, seção II, art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade o **desenvolvimento integral** da criança até 6 anos de idade, como vimos no Módulo I.

Ora, se nós, professores(as), estamos nas instituições com a criança, devemos também, em conjunto com a família, garantir esse atendimento e esse entrelaçamento entre todas as suas necessidades.

Desenvolvimento integral quer dizer que é preciso favorecer para que a criança se desenvolva:

- *Afetivamente nas relações com as outras pessoas, familiares, professores e colegas da creche, pré-escola ou escola de Educação Infantil que frequenta.*

- *Cognitivamente, construindo conhecimentos, aumentando seu vocabulário com conversas, histórias ouvidas e contadas, contando casos, relatando situações.*
- *Socialmente, freqüentando, além da instituição de Educação Infantil, praças, clubes, festas populares, espaços religiosos, tendo acesso a casas de cultura, como cinemas, teatros, bibliotecas, centros culturais, brincando com vizinhos, ouvindo músicas variadas.*
- *Psicologicamente, sendo atendida nas suas necessidades básicas, como higiene, alimentação, sono, mas também sendo ouvida, acariciada e respeitada como sujeito de direitos, sem que se esqueçam de que ela é sujeito de pouca idade, que ainda não pode assumir determinadas responsabilidades, afazeres, cargos.*

Como um espaço privilegiado de interação da criança de 0 a 6 anos, a creche, pré-escola ou escola da qual você faz parte, professor(a), deve estar comprometida com o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e psicológico da criança, observando e possibilitando esses aspectos do desenvolvimento infantil, nas interações pessoais dentro das instituições de Educação Infantil e junto às famílias. Pois, como diz Paulo Freire no trecho transcrito logo no início desta unidade, “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. E o ser humano é um ser de relações.

É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.

(Paulo Freire, 1983. p. 39.)

A criança pensa o mundo a partir das suas interações com a sociedade. Essa sociedade oferece uma série de oportunidades para que ela se desenvolva, conheça, observe, participe. Dessa forma, a criança vai aprendendo a respeito do mundo que a cerca, vai conhecendo seus valores, sua cultura. Os valores sociais são, em última instância, fruto de todas as experiências que a criança vai tendo, aprendizados e significados culturais que a circulam ao longo de sua vida. Coisas que podem ser oferecidas nas creches, pré-escolas e escolas, mas que a criança recebe, também, da família e do seu meio social, antes mesmo de entrar para a instituição de Educação Infantil.

Seção 1 – A criança e a cultura

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- PERCEBER A CULTURA COMO CONSTITUIDORA DA SUBJETIVIDADE INFANTIL, ENTENDENDO SEU PAPEL FORMADOR NO COTIDIANO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

O que você entende por cultura? O que vem à sua mente quando você ouve essa palavra?

Vejamos alguns conceitos:

- *“As teias de significados tecidas pelo homem ao longo de sua existência. Tudo o que envolve o homem e que é adquirido e significado por ele ao longo de sua vida a partir da relação com a sociedade”.*
- *“Um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.*
- *“Um processo social constitutivo, que cria modos de vida distintos e específicos”.*
- *“Cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento”.*



Bem, você pode reparar que são várias as definições de cultura. Provavelmente, se fôssemos aqui muito tempo estudando e lendo vários autores, não conseguiríamos chegar a uma única definição, isso porque uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana nas relações com a sociedade.

Olhando para esses conceitos e a partir dessas definições, podemos entender que pode ser chamado **cultura** aquilo que está ao redor do homem, tudo o que ele vê, ouve, compreende ao longo de sua vida, tudo o que ele aprende a conhecer por intermédio da sua relação com outros homens e, em grande parte, aquilo que o constitui. Tudo o que diz respeito aos seres humanos e suas interações, ou seja, a vida em sociedade. E, principalmente, tudo o que ele produz: bens materiais (as coisas, os objetos) e bens simbólicos (os significados).

ATIVIDADE 1

- a) *Pensando nas relações que você estabeleceu na sua infância, trazendo à memória algumas lembranças, o que você poderia contar sobre os lugares que você freqüentava quando era criança, com seus pais, irmãos, parentes e amigos? O que você costumava fazer? Você pode escrever um pequeno texto, contando essas memórias ou organizar um cartaz ou álbum com fotos e objetos que marcaram esses momentos. Você pode também conversar com pessoas da sua família e relembrar alguns fatos marcantes (às vezes tristes, às vezes engraçados). O seu caderno pode ser o espaço para o registro desse relato.*
- b) *Essas experiências influenciaram você a ser a pessoa que é hoje? Por quê?*
- c) *O que você sentiu ao relembrar essas situações?*

Se você desejar, esse mergulho nas suas memórias pode ser um material interessante para a construção do seu memorial.

Se cultura diz respeito às experiências, aprendizados e significados que reunimos e produzimos ao longo da vida, a partir das relações pessoais, da sociedade, do conhecimento, da leitura, da observação, então podemos compartilhar a idéia de Vygotsky ao dizer que:

Tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana. (VYGOTSKY, 1987. p. 10.)

No conceito de cultura estão implicados os significados que o homem produz a partir das relações que ele estabelece na sua vida em sociedade. Vygotsky fala da atividade humana como um ato criador. E a criação se torna possível principalmente porque o homem é um ser de linguagem, e a linguagem é fundamental na constituição da consciência e do próprio homem.

A linguagem é produção e expressão de sujeitos humanos que interagem entre si, uma produção e expressão que se realiza a partir da coletividade, da cultura. Através da linguagem compartilhamos conhecimentos, valores, regras de conduta, experiências adquiridas pela humanidade ao longo da história. Através da linguagem, nos constituímos como seres humanos, participantes da cultura na qual estamos inseridos.

Então, se a cultura está ligada à possibilidade da criação do homem e de sua capacidade de significar o mundo a partir da linguagem, podemos afirmar que:

OS SERES HUMANOS SÃO OS ÚNICOS SERES PRODUTORES DE CULTURA E PRODUZIDOS NA CULTURA.

O pensamento e a linguagem nos auxiliam na aquisição dos componentes culturais que interiorizamos. Somos constituídos na cultura. Isso implica dizer que, ao pensarmos o trabalho da Educação Infantil, devemos também, e principalmente, levar em consideração a relação da criança com a cultura. Na Unidade 7 de FE deste módulo, você terá oportunidade de estudar o conceito de cultura infantil e sua relação com o trabalho da Educação Infantil.

Essa relação é destacada por Kramer (1998), ao falar da importância da cidadania, da cultura, do conhecimento e da formação dos(as) profissionais como desafios da escola básica. A autora destaca o papel da cultura como espaço de singularidade e pluralidade. Ao pensar a relação da criança com a cultura, dois eixos são fundamentais:

- ***A cultura de cada grupo social – É preciso levar em consideração o que é produzido por cada grupo social: as tradições culturais, os costumes, os valores dos diferentes grupos, suas trajetórias, suas experiências, seu saber, seus modos de educação, seu acervo de produções e artefatos culturais. Nisto está implicada a pluralidade que se manifesta na dança e na música, na produção de objetos, nos brinquedos e brincadeiras, nas comemorações civis ou religiosas, nos modos de cuidar das crianças, da terra, dos alimentos, das vestimentas, nos acervos, nas construções, no patrimônio (que está presente também nas trajetórias contadas, nas histórias orais).***

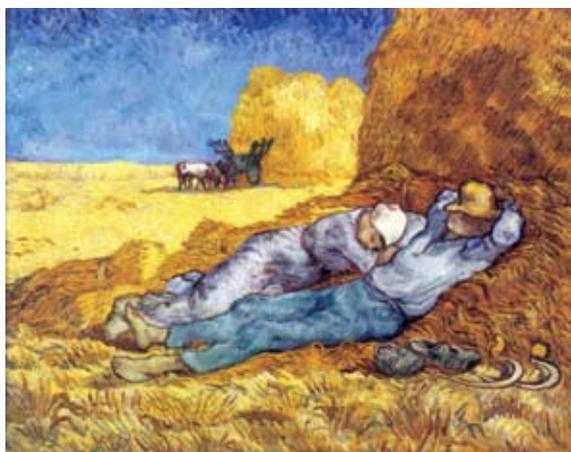




- **O acervo cultural da humanidade** – Também temos uma produção cultural que se encontra disponível na literatura, no cinema, na música, na fotografia, na pintura, na escultura, na poesia, na arquitetura, que faz parte do acervo cultural da humanidade e que nos diz respeito como sujeitos capazes de aprender com a arte, com a literatura, com os acervos que estão nos museus.



Jean-François Millet, "As respigadeiras" – 1857



Vincent Van Gogh, "A cesta" – 1889-1890

Mais do que aprender sobre a cultura, o que destacamos é a possibilidade de aprendermos com a cultura. Cultura como espaço de significação e ressignificação de valores, crenças, daquilo que produzimos e daquilo que nos produz, da possibilidade de repensar o lugar da cultura e o lugar de cada um de nós.

Ao entendermos o ser humano como um ser histórico e social, devemos considerar que também os modos de produção por ele criados são, por natureza, sociais e históricos. Isto implica dizer que nem sempre produzimos do mesmo modo e também as relações que estabelecemos com essa produção não é sempre a mesma.

Imersos na rede de relações e significados desenvolvida através de inúmeras gerações, por vezes, somos condicionados a depreciar comportamentos ou padrões diferentes daqueles impostos de forma hegemônica por uma classe dominante. Por isso, muitas vezes discriminamos o comportamento diferente, desviante, como estudamos nas Unidades 7 e 8 do Módulo I. Na Unidade 8 deste módulo, também abordaremos este assunto ao pensar o trabalho de inclusão de crianças com necessidades especiais na Educação Infantil.

Podemos perceber, até mesmo no nosso cotidiano, indivíduos de culturas diferentes que podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como: o modo de agir, vestir, caminhar e comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas – gírias, sotaques, palavras, expressões etc. E as crianças, enquanto sujeitos sociais, são influenciadas por essa diversidade cultural.



Roma, Cidade do Vaticano, Praça de São Pedro

ATIVIDADE 2

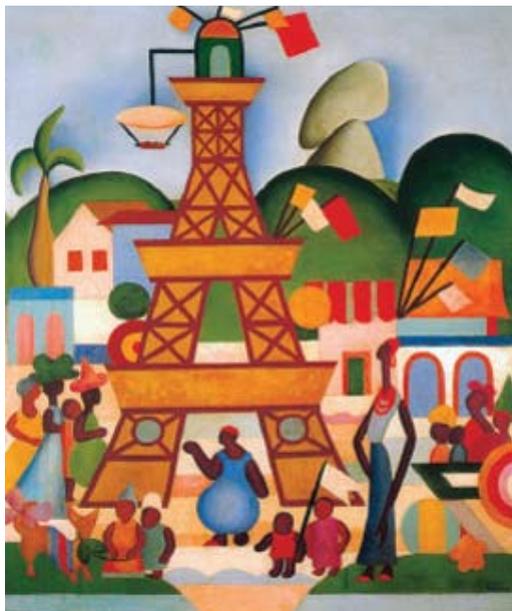
- a) *Pense na sua cidade, seu bairro, sua rua. O que você considera como manifestações culturais características desses lugares? Você pode anotar suas observações no caderno de atividades, como também selecionar algum material que mostre essas características.*
- b) *Agora pense na sua família, em seu grupo de amigos, em seus parentes. Pense também nos lugares que você frequenta com seus filhos, sobrinhos, primos, amigos. O que você faz hoje é diferente do que você relembrou na Atividade 1 sobre os lugares e os contextos culturais da sua infância?*
- c) *E na sua vida atual, aquilo que você faz ainda hoje, o que você considera como influências culturais? O que você recebeu de sua família – hábitos, costumes, crenças – que ainda hoje é forte e você reproduz?*



Diante desse modo de olhar para a cultura, como um processo constituinte do ser humano, podemos perguntar: qual o significado de ser criança nas diferentes culturas? Certamente esse mundo está permeado pela(s) cultura(s) na(s) qual(is) a criança está inserida.

As festas de que participam, a alimentação, as diferentes brincadeiras, os modos de se vestir, de viver em sociedade, a visão que os adultos têm das crianças e as produções que são direcionadas para a infância são resultado dos diferentes modos de se relacionar e significar a realidade. Essa teia de relações vai constituindo as crianças enquanto seres humanos à medida que as próprias crianças também atribuem sentido ao mundo a partir das interações que estabelecem com a(s) cultura(s) que está(ão) ao seu redor.

A reprodução abaixo, “Carnaval em **Madureira**”, da artista brasileira Tarsila do Amaral, retrata o carnaval, uma festa tradicional da cultura brasileira. Na tela, adultos e crianças participam juntos dessa manifestação popular.



Tarsila do Amaral, “Carnaval em Madureira” – 1924 www.tarsiladoamaral.com.br

Você conheceu o livro *Crianças como Você – uma emocionante celebração da infância no mundo* na Unidade 3 do Módulo I. Como você viu, esse livro apresenta o cotidiano de crianças que vivem nas mais variadas partes do planeta e foi escrito por Barnabas e Anabel Kindersley, numa associação da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e Editora Ática. Esse livro mostra a singularidade e a pluralidade cultural nas quais as crianças do mundo todo estão inseridas, como podemos ver em mais três exemplos:

- *Carlitos tem doze anos. Ele mora com a família numa estância chamada Aleluya, na Argentina. Carlitos e a família tomam chimarrão no café da manhã e quando têm visita. O chimarrão é um mate sem açúcar, muito popular na Argentina, no Uruguai e no sul do Brasil. Carlitos toma chimarrão com uma bomba (canudo) de metal que não deixa as folhas passarem.*
- *Guo Shuang tem nove anos e vive com os pais e avós num subúrbio de Pequim, a capital chinesa. Pequim é uma metrópole com mais de 10 milhões de habitantes. Guo é o nome de família: os chineses usam o sobrenome antes do nome. Na China as pessoas se tratam pelo nome completo, e por isso Shuang em geral é chamada de Guo Shuang.*
- *Sabah Khleifat tem nove anos e mora na Jordânia. Ela pertence ao povo beduíno, que vive nos desertos no norte da África e do Oriente Médio. Como os Massais, os beduínos são nômades, ou seja, vão de um lugar a outro em busca de novas pastagens. Há 28 pessoas na família de Sabah: ela, o pai, as duas esposas do pai, a avó, os onze irmãos e os doze meios-irmãos.*

Estudar a cultura como um todo e a cultura de determinado povo em especial possibilita entendermos as diferenças existentes entre os países, os lugares, os povos. Mostra algo que é diferente daquilo que fazemos, que conhecemos, que estamos acostumados. Outros países, outros lugares, outros povos, outras comunidades podem ter hábitos diferentes dos nossos. É importante conhecermos a variedade cultural para aprendermos a respeitar as diferenças e, do mesmo modo, sermos respeitados. Podemos achar diferente, interessante e, até, incompreensível! Mas devemos ter claro que esses são modos de vida influenciados pela cultura em que estes grupos se inserem.

O mesmo pode ocorrer com as crianças com as quais trabalhamos na Educação Infantil. Quantas crianças não chegam na instituição de Educação Infantil com hábitos que diferem dos nossos? Às vezes chegam com um linguajar peculiar que logo tratamos de corrigir, dizendo que está errado. Outras vezes, dizemos para uma criança que deve agir desta ou daquela forma, sem considerar a sua cultura. Existe uma forma certa? A da instituição? A da criança? A do(a) professor(a)? Por quê?

Essas são reflexões que devemos fazer a todo momento quando lidamos com pessoas (adultos e crianças) que vêm de grupos diversos, lugares distintos, culturas ou classes sociais diferentes. É claro que as instituições de Educação Infantil, as escolas de Ensino Fundamental e até a universidade têm o dever de ensinar, corrigir, construir conhecimento junto à criança e ao aluno. No entanto, em nome de uma cultura dominante, algumas instituições, ao

considerar apenas aquilo que é entendido pelo(a) professor(a), pela instituição, pela mídia, ou pela classe dominante como legítimo, correm o risco de anular ou rejeitar as influências culturais que as crianças, adolescentes ou jovens trazem e que foram transmitidos pelo seu meio familiar.

Lembrando do que estudamos nas Unidades 7 e 8 do Módulo I, quando olhamos para o mundo que estamos oferecendo para as crianças, vemos a intolerância, a falta de diálogo, de escuta do outro, da impossibilidade de conviver com a diferença e da incapacidade de reconhecer a criança – jovens, adultos e velhos também – como sujeito de direitos (Bazílio e Kramer, 2003).

Como educar crianças e jovens nesse contexto? Trabalhando numa perspectiva de humanização, de resgate da experiência, de conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, nos apropriando das diversas formas de produção da cultura.

Nós, professores(as), deveríamos ter o cuidado de valorizar o que a criança sabe. Muitas vezes, no entanto, presenciamos professores(as) reforçando a idéia de que o que a criança sabe não é correto, que aquilo que ela aprende na sua comunidade está fora dos padrões, de que só realmente interessa o que a instituição escolar tem a ensinar.

Ter um olhar para a criança a partir do modo como a própria criança vê e dá significado ao mundo é algo que só conseguimos com estudo, leitura e sensibilidade. Ou seja, esse olhar implica a formação continuada dos(as) professores(as) das creches, pré-escolas, escolas de Educação Infantil, tanto quanto dos outros segmentos do Ensino Básico.



ATIVIDADE 3

Professor(a), olhando a sua prática, você identifica uma ou mais situações em que você respeitou a diferença cultural das crianças com as quais trabalha? Ou, quem sabe, você reconhece não ter levado em conta essas diferenças? Por que você acha que isso aconteceu? Como o que estudamos até aqui pode ajudar você a reconsiderar essa prática? Essa é uma reflexão significativa que valeria a pena registrar no seu caderno. Você pode, também, levar essas questões para discutir com os seus colegas na instituição na qual trabalha e para o encontro quinzenal do PROINFANTIL.

Somos professores(as). Somos pessoas comuns, temos uma história para contar e uma relação com a(s) cultura(s) que está(ão) ao nosso redor e nos constituem ao longo dos anos e das experiências que já vivemos. Levar em conta essa

experiência com a cultura é importante para o bom desempenho da nossa profissão. Lidamos com crianças, convivemos com elas dentro das creches, pré-escolas e turmas de Educação Infantil e sabemos que, muitas vezes, é essa experiência que nos auxilia em determinados momentos da prática.

Educar não é só transmitir conhecimentos, mas também compartilhar experiências, trocar informações, numa relação coletiva entre todos os integrantes da instituição: professores, crianças, coordenadores, diretores, serventes, cozinheiros etc. Educar é, portanto, transmitir e compartilhar experiências.

Vejamos o que fala um autor francês chamado Jean-Claude Forquin a respeito de educação e cultura.

“O que significa a palavra cultura, quando se fala da função de transmissão cultural da educação? Essencialmente, um patrimônio de conhecimentos e competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular, definida de modo mais ou menos amplo e mais ou menos exclusivo, sendo obra coletiva e bem coletivo.”

(FORQUIN, 1993. p. 12.)

O que podemos perceber? Que a creche, pré-escola e as escolas são fontes importantes de cultura(s) por tudo que se vive nesses espaços, por conta das experiências, das trocas, das conversas, das diversas manifestações culturais que encontramos nessas instituições. Mas podemos também, a esta altura do nosso estudo, perceber que a comunidade em que vivem as crianças, o(a) professor(a) e as famílias, as experiências de cada um são, da mesma forma, importantes veículos culturais que não devem ser deixados de lado.

Seção 2 – Diferentes produções culturais da/para a infância: televisão/mídia, teatro, cinema, música

OBJETIVOS DESTA SEÇÃO:

- DISCUTIR CRITICAMENTE O PAPEL DAS PRODUÇÕES CULTURAIS PENSADAS/PRODUZIDAS PARA A CRIANÇA COMO MERO ESPECTADOR.
- DISCUTIR AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE SE TRABALHAR AS DIVERSAS PRODUÇÕES CULTURAIS COM A CRIANÇA, NO QUE DIZ RESPEITO À TELEVISÃO/MÍDIA, TEATRO, CINEMA, MÚSICA, EM UMA PERSPECTIVA DE PRODUÇÃO DA CRIANÇA.



Como podemos compreender o mundo cultural da infância? É na relação entre o que já está produzido, gerado pelos adultos para as crianças – a literatura, os jogos, os brinquedos, cinema, músicas, vídeo-games, jogos para o computador, festas etc. – e no modo como as próprias crianças se apropriam dessas produções e nas interações que estabelecem entre si e com os adultos que podemos compreender as relações que se estabelecem entre a criança e essa produção.

ATIVIDADE 4

No seu caderno, procure organizar dois quadros para responder às perguntas que se seguem:

- a) Que produções culturais você lembra ter visto, assistido, participado ou ouvido no último ano de sua vida?*
- b) E o que você, como professor(a), pôde ver, assistir e participar, em termos de produção cultural, com as crianças no espaço da creche, pré-escola ou turma de Educação Infantil? Essas atividades foram planejadas pela instituição? Foram iniciativas suas enquanto professor(a)? As crianças tiveram oportunidade de sair do espaço da instituição para participar de alguma atividade cultural?*
- c) Ao observar os dois quadros, o que mais chamou sua atenção em relação a essa comparação?*

Ao pensarmos na produção cultural da infância e para a infância, temos de levar em consideração que a experiência humana, especialmente nos dias de hoje, se caracteriza por uma diversidade de relações. Por isso, ao olharmos a produção cultural para a infância, devemos analisar essa produção a partir do modo como as crianças se apropriam da literatura, dos jogos, dos desenhos animados, das músicas, das festas, enfim, de tudo o que é produzido para a criança.

Se, até pouco mais da metade do século XX, a família, a comunidade e a escola eram as principais instâncias que marcavam o processo de educação e construção da subjetividade das crianças, hoje parece que a cultura de mídia – a televisão, as revistas, o rádio, o computador – está tomando o lugar dessas instituições tradicionais, influenciando significativamente a forma das crianças e jovens perceberem, interagirem e intervirem no mundo. Por isso, no trabalho da Educação Infantil seria fundamental considerarmos esse contexto atual, mas também a tradição. De uma forma crítica, ver e rever o que já foi produzido, resgatando nossas próprias histórias.



Muito se produz hoje pensando na infância. Todo ano muitos filmes são lançados com o tema da infância. Discos, programas de televisão, peças teatrais, sem falar nas propagandas incentivando o consumo de inúmeros produtos voltados para a criança, estão aumentando em número, mas não em qualidade.

A mídia escrita e falada está, cada vez mais, se dirigindo à criança no intuito de vender mais, pois pesquisas mostram que a propaganda, quando é dirigida diretamente à criança, atinge mais rapidamente o adulto. A televisão ocupa um enorme espaço na produção de programas para a criança e atinge, também, um enorme espaço na vida das pessoas de todas as idades, em todo o território nacional. Nos lugares onde não há cinemas e teatros (e mesmo nos lugares onde esses veículos estão presentes), a TV está no centro da sala levando informações, ditando moda, regras, apresentando um modo de vida que nem sempre (ou quase nunca) é o da vida real.

E, na maioria das vezes, assistimos tudo passivamente! Recebemos as informações e, sem tempo para organizá-las dentro de nós, criticá-las, questioná-las, passamos para as informações seguintes e as seguintes e as seguintes...

No afã da audiência e da margem de lucro, os programas da televisão, de um modo geral, e os infantis, em especial, não estão preocupados com o bem-estar das crianças. As crianças são normalmente tratadas como se tivessem pouca inteligência e as apresentadoras obedecem sempre a uma mesma fórmula: normalmente são loiras, têm cabelos lisos, cantam canções supostamente infantis, brincam no auditório e vendem seus produtos – bonecas, bolsas, sapatos, roupas, maquiagem, bijuterias, telefones celulares, discos, alimentos, brinquedos variados. Dentro dos programas há espaço para desenhos animados que também acabam servindo de sugestão de consumo de tantos outros produtos.



Uma coisa, no entanto, chama a nossa atenção. Às vezes somos críticos da qualidade dos programas infantis, mas a maior audiência infantil acontece em programas direcionados para o público adulto, como verificamos numa pequena nota do Jornal o Globo do dia 19 de março de 2005 (Segundo Caderno p. 8). De acordo com a nota, a partir de uma pesquisa do **IBOPE**, os programas mais vistos pelo público de 4 a 11 anos, em fevereiro de 2005, foram:

Programa	
1° "Senhora do Destino"	6° "Globo Repórter"
2° "Big Brother 5"	7° "Malhação"
3° "Tela Quente"	8° "Começar de Novo"
4° "Jornal Nacional"	9° "Temperatura Máxima"
5° "Zorra Total"	10° "Futebol às Quartas"

O que esta nota esclarece: nenhum programa infantil está entre os 10 programas mais assistidos pelo público infantil. Exceto "Malhação", todos os programas são no horário noturno, a maioria indo ao ar depois das 21 horas.

Além da preocupação com o consumo, que questionamos acima, diante de uma situação como esta, como diria o sociólogo americano Henry Giroux (2001), ao analisar a influência dos desenhos infantis da Disney na formação da cultura infantil, *é pedagogicamente imperativo que pais, educadores e profissionais da cultura estejam atentos a como filmes, como os da Disney e a mídia visual, são usados e entendidos diferentemente por diversos grupos de crianças.* Ao entrar no universo da criança, abrimos, segundo este autor, a oportunidade para falarmos às crianças da cultura popular e principalmente podemos compreender como as crianças vêem esses filmes, e podemos dizer também, desenhos e programas da televisão.

Na visão de Henry Giroux, um exame da cultura infantil vem mostrar que as identidades individuais e coletivas das crianças e dos jovens são amplamente moldados, política e pedagogicamente, na cultura visual dos videogames, televisão, cinema e até mesmo nos *shopping centers* e parques de diversão e não apenas nas escolas.

Diante destas constatações, que questões precisam ser encaminhadas a partir desse mundo televisivo com o qual a criança interage? Que discussões podem estabelecer um diálogo ao invés de simplesmente colocar essa conversa fora do contexto de trabalho com as crianças na Educação Infantil?

ATIVIDADE 5

Qual sua opinião a respeito dessas reflexões? O que as crianças com as quais você trabalha estão acostumadas a ver na televisão? Elas vêem filmes? Na sua cidade há cinema ou teatro? O preço do ingresso é acessível para as famílias? Você percebe a presença de objetos que levam a marca dos apresentadores, cantores, filmes e desenhos animados que circulam na mídia entre as crianças com as quais trabalha? Você já conversou sobre isso com as crianças? E com seus colegas de profissão? Já houve algum tipo de conversa a respeito desse assunto entre vocês, em papos informais, reuniões?

Você pode usar o seu caderno para registrar suas preocupações, seus pensamentos, e, se desejar, leve este assunto para o próximo encontro com seus(suas) colegas.

Difícilmente paramos para refletir sobre estas questões, certo? E por quê? Talvez porque estejamos acostumados com a pouca qualidade que nos é empurrada pela mídia, talvez porque não sabemos como fazer para tentar mudar, talvez porque não nos tenha sido apresentado algo novo, diferente, ou talvez porque estejamos satisfeitos com esse modelo.

As produções culturais, como a música, o cinema, o teatro, a literatura e a própria televisão, têm papel importante na formação do indivíduo. São produções de cultura, veículos de informação e de formação do sujeito, meios de transmissão do conhecimento, da história, das tradições, de valores, influência cultural das mais valiosas.

Como professores(as), seria fundamental conhecer essa produção, frequentar os espaços culturais, ler sobre eles, lutar junto aos órgãos públicos para implantação e preservação de instâncias de cultura em nossas cidades. Se a experiência com a música, com o cinema, o teatro, a literatura, a arte e a própria televisão não faz parte da nossa vida, como falar e viver experiências semelhantes com as crianças? Como falar de cultura sem vivê-la? Como propiciar experiências culturais se não tivermos, nós mesmos, passado por elas?



Auguste Renoir, "Meninas ao piano" – 1892

Olhando para essas colocações, qual deve ser a nossa proposta ao trabalhar com a cultura no cotidiano da Educação Infantil?

“[...] Longe de propor que alunos e professores aprendam ou ensinem gêneros literários, movimentos estéticos ou poéticos, diferente também do uso dessas produções culturais como modo de melhor ensinar os conteúdos escolares, interessa-me que crianças e adultos possam aprender com a cultura e a arte guardada nos livros, com os textos, com a história, com a experiência acumulada. Ainda que ideologicamente marcados, tendo todos eles uma linguagem jamais isenta de preconceitos, a experiência com a produção cultural contribui de maneira básica na formação de crianças, jovens e adultos, pois resgata trajetórias e relatos, provoca a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos e que nos produz, suscita o repensar do sentido da vida, da sociedade contemporânea e, nela, do papel de cada um de nós.”

(KRAMER, 1998).

É importante que as instituições de Educação Infantil ofereçam meios para que diferentes tipos de experiências culturais possam acontecer. Os tipos de música ouvidos pelas crianças em casa, nas comunidades e nos bairros onde vivem devem ser respeitados. É fundamental conhecer esses tipos de música e, também, proporcionar oportunidades para que as crianças ouçam outros tipos de músicas. Um pequeno aparelho de som na sala de aula pode ajudar bastante na formação cultural musical das crianças. Assim, a valsa, o samba, a música sertaneja, o chorinho, a música popular brasileira, músicas infantis, cantigas de roda e outros tipos que você selecionar podem ser ouvidos, comentados, criticados, elogiados e, por que não, dançados junto com a sua turma.

Da mesma forma, instrumentos musicais feitos com sucatas variadas podem ser confeccionados pelas crianças, assim como a formação de bandinhas, corais etc. São atividades que dão enorme prazer às crianças e que são parte da sua formação cultural.

O cinema e o teatro também devem ser estimulados. Se em sua cidade não existem cinemas e teatros, converse com seu(sua) coordenador(a) e com seus(suas) colegas e procure uma forma de suprir essa falta. TV e vídeo, com um repertório selecionado criticamente, ajudam, e muito, nessas situações. A literatura é uma aliada e tanto nesse momento, pois com a ajuda de livros, poesias, peças teatrais e roteiros de filmes, muitas atividades podem ser feitas com as crianças.

A encenação de pequenas peças pode ser uma atividade interessante e muito prazerosa. O trabalho coletivo de fazer figurinos, objetos, cenários com sucata, papel, tecido é sempre muito bem recebido pelas crianças. Escrever diálogos, recontar a mesma história com finais diversos, separar os papéis, escrever roteiros de filmes, decorar diálogos, apresentar a peça ou o filme, assistir juntos a peças de colegas, ir ao cinema, falar dos filmes, das histórias, narrar a experiência etc. são trocas importantes na produção cultural da infância.

Atividades como essas tiram o lugar de mero espectador que normalmente a TV dá ao sujeito. A experiência é algo que nos mergulha no vivido. Ao propiciar espaços para a criança falar sobre o que está vivendo, como autores, donos, e não apenas como espectadores, criamos espaços para a narrativa, que traz consigo a possibilidade de a criança significar essas interações. No Módulo 4, estaremos abordando as diferentes linguagens com as quais a criança interage com o mundo, que são essenciais numa proposta que leva em conta a cultura como base para o trabalho com as crianças na Educação Infantil.

É importante que possamos assistir a filmes, peças teatrais, vídeos, programas de televisão e que possamos também falar deles, criticá-los, elogiá-los, nos emocionarmos, mas também é necessário que a criança se sinta capaz de produzir e que a sua produção seja valorizada. A produção cultural não deve ser apenas feita **para** a criança. Ela deve ser, igualmente, **da** criança.

ATIVIDADE 6

Pense em alguns filmes infantis que as crianças com as quais você trabalha já assistiram e escreva um pouco sobre a reação delas. O que você observou? Elas gostaram, se envolveram na história, comentaram depois?

Seção 3 – Diferentes produções culturais da/para a infância: literatura, desenho, obras de arte, patrimônio cultural, museus, festas populares

OBJETIVOS DESTA SEÇÃO:

- DISCUTIR CRITICAMENTE O PAPEL DAS PRODUÇÕES CULTURAIS PENSADAS/PRODUZIDAS PARA A CRIANÇA COMO MERO ESPECTADOR.
- DISCUTIR AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE SE TRABALHAR AS DIVERSAS PRODUÇÕES CULTURAIS COM A CRIANÇA, NO QUE DIZ RESPEITO A LITERATURA, DESENHO, OBRAS DE ARTE, PATRIMÔNIO CULTURAL, MUSEUS E FESTAS POPULARES, EM UMA PERSPECTIVA DE PRODUÇÃO DA CRIANÇA.



A cultura de um povo é também representada nos patrimônios culturais espalhados pelas ruas, pelo bairro, pela cidade e que, muitas vezes, não conhecemos, não sabemos que existe, não valorizamos. Também está presente nos relatos e nas histórias contadas e na preservação do seu próprio entorno natural e cultural.

A experiência de preservar o meio ambiente através do resgate da cultura foi vivida pelos Ticuna, uma nação indígena do Brasil, sendo um exemplo de como os significados são construídos e vão constituindo a cultura de um povo.

Os professores Ticuna sentiram a necessidade de desenvolver um projeto sobre a importância da conservação dos recursos naturais existentes nas áreas já demarcadas pelo governo. O resultado desse projeto foi transformado em um livro: "O livro das árvores".

O livro apresenta a intensa e rica relação dos Ticuna com as árvores que formam a floresta, focalizando o valor e o significado de várias espécies. É um livro sobre a memória das árvores, que permite aos Ticuna recordar a importância de cada uma delas na sua vida. Todo ilustrado com desenhos feitos pelas crianças, adolescentes e adultos da própria cultura Ticuna, o livro traz vários textos coletivos que falam da cultura desse povo, numa linguagem que entremeia conhecimentos práticos, valores simbólicos e inspiração poética. A partir dos textos e desenhos, a cultura dos Ticuna vai sendo preservada, como o significado do jenipapo.



O jenipapo é muito importante. A pintura com jenipapo protege a vida das pessoas contra doenças e outros males. Quando uma criança nasce, seu corpo é pintado. Quando ela fica um pouco maior, seu corpo é novamente pintado durante a festa. A menina, quando fica moça, também recebe uma pintura com jenipapo na sua festa de iniciação. Nessa mesma festa, todos os participantes pintam o rosto com jenipapo: crianças, jovens, adultos e velhos. Essa pintura do rosto serve para mostrar a nação de cada pessoa. (p. 19)

Assim como as árvores presentes na vida dos Ticuna, os prédios e monumentos são patrimônios culturais na medida em que trazem a história do lugar, do povo daquele lugar. São monumentos que às vezes guardam documentos, fotografias, pedaços de objetos, imagens... Outras vezes apenas têm como marca cultural a arquitetura, a construção, a história. E que ficam lá, no nosso caminho de todo dia e que nem paramos para observar.

Resgatar a história desses lugares, prédios, construções é também produzir cultura. A partir da literatura – livros, textos, documentos –, da história oral dos mais velhos, da pesquisa, podem-se descobrir coisas muito interessantes a respeito desses lugares. Além disso, a recuperação da memória coletiva proporciona o resgate da auto-estima da própria comunidade, principalmente quando o seu patrimônio não vem sendo valorizado. Quando propiciamos às crianças e suas famílias o conhecimento, a apropriação e a valorização da sua herança cultural, estamos ajudando essa comunidade a usufruir desses bens e também favorecendo a conservação e produção de novos bens, ou seja, um processo contínuo de produção cultural (HORTA, 2003).

Essa experiência foi retratada no filme brasileiro *“Narradores de Javé”*, de Eliane Caffé (2004).

Os habitantes do pequeno vilarejo de Javé se deparam com o anúncio de que a cidade pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica. Em resposta à notícia devastadora, a comunidade adota uma inusitada e original estratégia: preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heróicos de sua história para que Javé possa justificar a sua preservação e escapar da destruição. Como a maioria dos moradores é de analfabetos, a primeira tarefa é encontrar alguém que possa escrever as histórias. Os moradores de Javé recorrem a Antônio Biá (personagem interpretado por José Dumont), uma pessoa discriminada pelo próprio povoado, de caráter duvidoso segundo a comunidade, porém o único que sabe escrever fluentemente. Na construção desses relatos, inicia-se um duelo poético entre os contadores que disputam com suas histórias – muitas vezes fantásticas e lendárias – o direito de permanecerem no patrimônio de Javé. As narrativas causam acirradas discussões sobre a veracidade dos fatos. Entre uma história e outra, um grande sino de ferro é comum a todas as narrativas, como se anunciasse som da trajetória. A cidade de Javé é ameaçada pelas águas, mas sua história continua na memória do povo e no sino da igreja. Sino que anuncia a possibilidade de recontar e ressignificar essa história.

ATIVIDADE 7

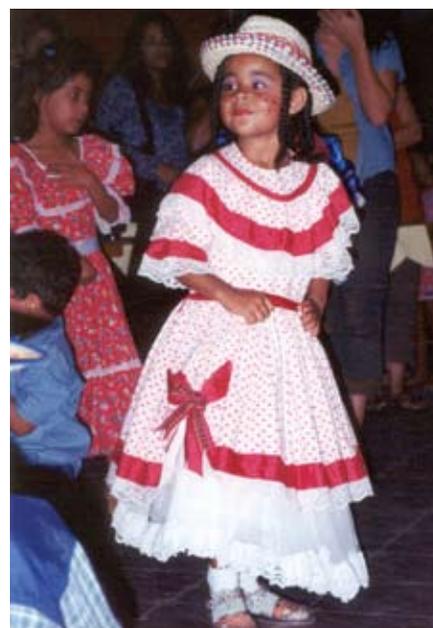
Vamos refletir sobre o que você observa e conhece do patrimônio cultural do seu município, pensando nas seguintes questões:

- a) Existem museus em sua cidade? Qual(is)? Você já o(os) visitou?*
- b) Que outros prédios/patrimônios culturais existem em sua cidade? Bibliotecas públicas? Centros Culturais ou Casa de Cultura? Igrejas antigas? Um chafariz velho? Um coreto na praça?*

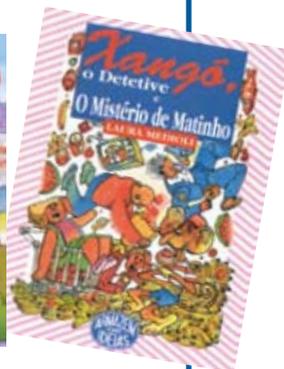
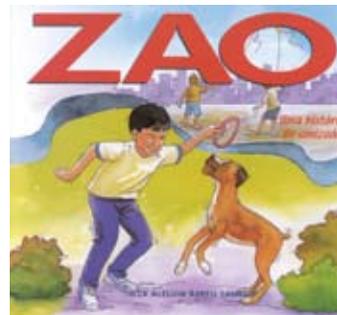
Fazer uma relação desses monumentos existentes na região em que você mora e trabalha pode ser um material interessante para o trabalho com as crianças. Você poderia também registrar alguns detalhes e informações características que você conhece desses lugares.

- c) Se não souber a história de algum desses patrimônios culturais, que tal perguntar a alguém? Quem seria essa pessoa e por que ela saberia? Alguém do correio, um morador antigo etc.*
- d) Converse com as crianças da sua turma e pergunte a elas sobre esses patrimônios. Elas conhecem? Citam outros que você não se lembrou? Como é a relação delas com o bairro onde moram, com a cidade, com as festas populares?*

As festas populares, roupas típicas, superstições, também fazem parte do patrimônio cultural de um povo e devem ser apresentadas às crianças, dançadas, discutidas. Na narrativa, nas conversas com as pessoas da comunidade, muitas coisas interessantes podem surgir e a produção cultural vai, dessa forma, se solidificando. Juntas, as pessoas vão produzindo cultura, conhecendo cultura e sendo marcadas por ela. Na Unidade 4 de OTP do Módulo IV, você terá a oportunidade de discutir sobre como o folclore e as práticas culturais podem favorecer a interação e a aprendizagem das crianças. No entanto, podemos pensar não só no que é específico do seu município ou região, mas também nas culturas representadas na sua turma.



Podemos ainda pensar na literatura, que é fonte inesgotável de conhecimento. Seria muito importante que as instituições de Educação Infantil privilegiassem a biblioteca, com acervo variado, que deveria ser manuseado também pelas crianças. Ler para elas, com elas, deixar que vejam figuras, que desenhem a partir das histórias, que produzam (com terra, argila e barro) esculturas, objetos, que manuseiem diferentes tipos de material são experiências culturais das mais ricas.



Você, professor(a), é fundamental nessa interlocução da criança com a cultura. Você pode levar a criança a conhecer a história de seu bairro, de sua comunidade. Você pode ajudar a criança a descobrir traços e marcas culturais até então desconhecidas. Você tem, no trabalho da Educação Infantil, um espaço privilegiado para favorecer o potencial da criança como produtora de cultura, multiplicando conhecimento, experiências, história.

Para que isto aconteça, entendemos que a formação continuada dos(as) professores(as) deveria levar em conta a formação cultural: ler, ir ao cinema, ver vídeos, visitar lugares, museus, ter experiências culturais diversas é fundamental para o trabalho do(a) professor(a) que entende a importância de trabalharmos na Educação Infantil tendo a cultura como eixo principal. É importante que você esteja imerso na sua cultura, na sua história. Dessa forma, você estará vivenciando com suas crianças experiências culturais importantes que, sem dúvida, serão a bagagem cultural que elas levarão consigo pela vida.

Terminando esta seção, deixamos algumas questões para a sua reflexão.

ATIVIDADE 8

- Que tipo de experiência cultural você tem desenvolvido com as crianças da sua turma?*
- Você se sente mobilizado(a) para mudar alguma coisa na sua prática a partir deste estudo? O que poderia ser mudado?*
- O que você acha que poderia ser feito para que as crianças com as quais você trabalha tenham a oportunidade de ter experiências culturais diversas?*

PARA RELEMBRAR

Vimos nesta unidade a importância da cultura para o trabalho da Educação Infantil. Destacamos algumas questões importantes:

- A criança pensa o mundo a partir das suas interações com a sociedade. Essa sociedade oferece uma série de oportunidades para que ela se desenvolva, conheça, observe, participe. Dessa forma, a criança vai aprendendo a respeito do mundo que a cerca, vai conhecendo seus valores, sua cultura.
- Os valores sociais são, em última instância, o armazenamento de todas as coisas que a criança vê, aprende e significa ao longo de sua vida. Coisas que podem ser oferecidas nas creches, pré-escolas e escolas, mas que a criança recebe, também, na família e no seu meio social, antes mesmo de entrar para a instituição de Educação Infantil.
- Pode ser chamado cultura aquilo que está ao redor do homem, tudo o que ele viu, ouviu, compreendeu ao longo de sua vida, tudo o que ele aprendeu a conhecer por intermédio da sua relação com outros homens e, em grande parte, aquilo que o constitui. Enfim, tudo o que diz respeito aos seres humanos e suas interações, ou seja, a vida em sociedade.
- No conceito de cultura estão implicados os significados que o homem produz a partir das relações que ele estabelece na sua vida em sociedade. Vygotsky fala da atividade humana como um ato criador. E a criação se torna possível principalmente por ser o homem um ser de linguagem, pois a linguagem é fundamental na constituição da consciência e do próprio homem.
- As crianças, mesmo em diferentes culturas, têm a capacidade de recriar e significar o mundo ao seu redor a partir do seu poder de imaginação e fantasia, pela capacidade de criar um mundo a partir do seu próprio modo de ver a realidade. Por isso, é fundamental ter um olhar para a criança a partir do modo como a ela própria vê e significa o mundo.
- A cultura de um povo é também representada no patrimônio cultural espalhado pelas ruas, pelo bairro, pela cidade e que, muitas vezes, não conhecemos, não damos importância, não sabemos que existe. Resgatar a história desses lugares, prédios, ruas, costumes, tipos, construções é também produzir cultura. E, também, a recuperação da memória coletiva proporciona o resgate da auto-estima da própria comunidade.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Ao longo desta unidade você teve oportunidade de refletir sobre a importância da cultura para o trabalho da Educação Infantil. Também pode resgatar suas memórias, as influências que recebeu da sua família e da sua comunidade.

Você poderia levar esses assuntos para um debate entre os(as) professores(as) da sua instituição, procurando, junto com eles(as), encontrar novas formas de valorizar o patrimônio cultural da sua cidade e da sua região.

Uma outra idéia seria descobrir, junto com as crianças, quais as diferentes culturas e manifestações culturais representadas nas crianças e suas famílias: festas, brincadeiras, pratos típicos, costumes. Na sua turma existem crianças vindas de outras regiões ou países? E os pais? Os avós? Quantas influências culturais poderiam ser compartilhadas?

Quando propiciamos às crianças e suas famílias o conhecimento, a apropriação e a valorização da sua “bagagem” cultural, estamos ajudando essa comunidade a usufruir desses bens e também favorecendo a conservação e produção de novos bens, ou seja, um processo contínuo de produção cultural.

GLOSSÁRIO

Madureira: bairro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

IBOPE: o Grupo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) é uma multinacional brasileira que é composta por 52 empresas e que atua em 13 países, fornecendo informações sobre o mercado brasileiro e latino-americano.

SUGESTÕES PARA LEITURA

FARIA, Ana Lucia Goulart. *Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da Educação Infantil*. São Paulo/Campinas: Cortez Editora e UDUNICAMP, 1999.

KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel. *Infância e produção cultural*. São Paulo: Papirus, 1998.

STEINBERG, Shirley R., KINCHELOE, Joe L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SUGESTÃO PARA LEITURA

MELLO, Roger. *Vizinho, vizinha*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias a Brasileira – a Moura torta e outras*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri, KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 12.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIROUX, Henry. *Os filmes da Disney são bons para seus filhos?* In: STEINBERG, Shirley R., KINCHELOE, Joe L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

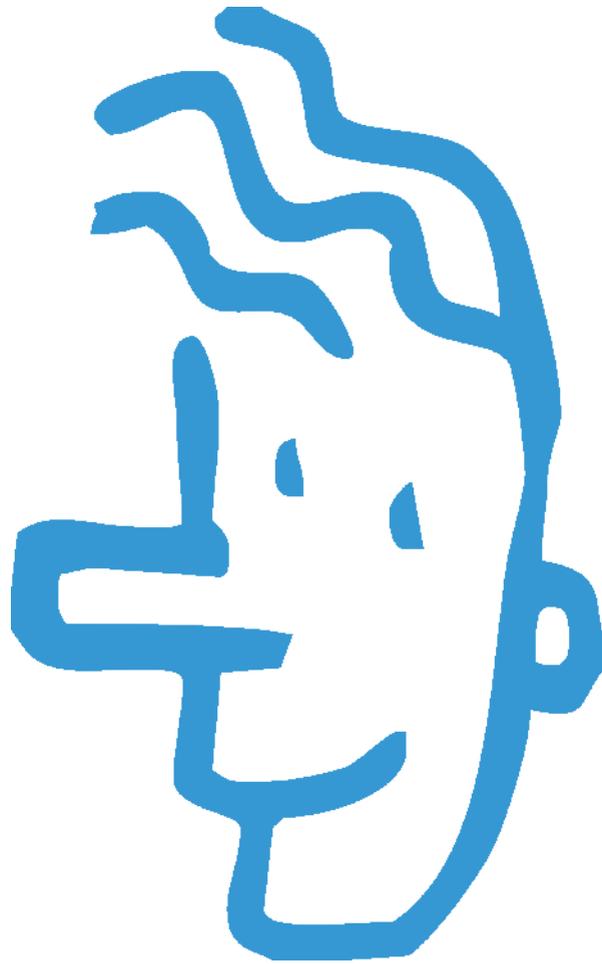
GRUBER, Jussara Gomes (org.). *O livro das árvores*. Benjamin Constant, AM: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües: São Paulo: Global, 1999.

HORTA, Maria. Educação Patrimonial. www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/teyx2.htm (acesso em junho/2003)

KINDERSLEY, Barnabas e Anabel. *Crianças como você*. São Paulo: Ática, 1995.

KRAMER, Sonia. *O que é básico na escola básica?* Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In: KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel. *Infância e produção cultural*. São Paulo: Editora Papirus, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte en la infancia*. México: Hispánicas, 1987.





ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO MEDIANDO O OLHAR DA CRIANÇA SOBRE O MUNDO

Viver

Esses viveres: olhar.

Esses olhares: tecer.

Esses teceres: contar.

Esses contares: viver.

(Francisco Marques)¹



¹ Esse poema faz parte do livro "Galeio, uma antologia poética para adultos e crianças" de Francisco Marques (Chico dos Bonecos, 2004), um poeta mineiro que brinca com as palavras.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Prezado(a) professor(a),

Ao longo das unidades do PROINFANTIL, temos utilizado a palavra mediação. Mediando o olhar da criança sobre si mesma foi o tema do texto de *Organização do Trabalho Pedagógico* na Unidade 2. A mediação também será o foco da Unidade 4 deste módulo, ao discutirmos o valor das interações entre as crianças e seus pares e das crianças com os adultos nas aprendizagens individuais.

Mediação é a função de estabelecer a relação entre dois termos ou situações, ou seja, fazer uma ponte. A relação entre os seres humanos e o mundo é mediada por outros seres humanos com os quais convive e pela cultura onde estão inseridos. Como vimos nas unidades anteriores deste módulo, o ser humano se constitui como sujeitos a partir das interações que estabelece com os outros. Nessas interações, a linguagem ocupa um lugar fundamental, como possibilidade de significar essas interações.

Assim, é na relação com o outro (através da mediação dele) que a criança internaliza as formas culturais de sua sociedade (linguagem, símbolos, gestos, costumes).

Mediar o olhar da criança sobre o mundo é criar condições para que a criança, a partir das interações que estabelece, perceba e signifique a realidade que a cerca.

O olhar é algo que pode ser aprendido. Aprendemos a olhar, a perceber, a significar o mundo a partir das mediações. Por isso, olhar é algo que exige esforço. Olhar exige criatividade, imaginação. Enquanto professores(as), nosso papel de mediadores deve valorizar o olhar da criança, favorecendo a imaginação e a criatividade, ou seja, ajudar a criança a ver o mundo e a expressar-se através das suas múltiplas linguagens: o desenho, a dança, a música, a brincadeira, o gesto. No Módulo IV, estudaremos um pouco mais essas múltiplas linguagens. A criança olha e pensa o mundo de um jeito singular, descrito por Walter Benjamin (2000, p. 39) no fragmento que lemos a seguir:

*Mal entra na vida, ela é caçador.
Caça os espíritos, cujo rastro fareja nas coisas.
Entre espíritos e coisas ela gasta anos,
Nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos.
Para ela, tudo se passa como em sonhos:*

*ela não conhece nada de permanente;
Tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela.
Seus sonhos de nômade são horas na floresta de sonho.
De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixá-la,
desenfeitiçá-la.
Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico,
museu e cripta.
Arrumar significa aniquilar.*

Para Walter Benjamin, filósofo alemão, a criança, “mal entra na vida já é caçadora, para ela, tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela”. Ao imaginar, a criança tem a capacidade de criar algo novo, dar um novo significado aos objetos e ao mundo que a rodeia, ultrapassando sua dimensão concreta e seu uso socialmente definido. Dentro dessa realidade a criança cria um mundo que é seu. Cria, inventa e reinventa a realidade a partir de um olhar que lhe é muito particular, como escreveu a poeta brasileira, Cecília Meirelles:

Mapa de Anatomia: O Olho

*O Olho é uma espécie de globo,
é um pequeno planeta
com pinturas do lado de fora.
Muitas pinturas:
azuis, verdes, amarelas.
É um globo brilhante:
parece cristal,
é como um aquário com plantas
finamente desenhadas: algas, sargaços,
miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.*

*Mas por dentro há outras pinturas,
que não se vêem:
umas são imagem do mundo,
outras são inventadas.*

*O Olho é um teatro por dentro.
E às vezes, sejam atores, sejam cenas,
e às vezes, sejam imagem, sejam ausências,
formam, no Olho, lágrimas.*



Cecília Meirelles: Poetisa brasileira. Alta expressão da poesia feminina no país, sua obra figura entre os grandes valores da literatura de língua portuguesa do século XX.

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 7 de novembro de 1901. Órfã muito cedo, foi educada pela avó materna e diplomou-se professora pelo Instituto de Educação em 1917. Viajou pela Europa, Estados Unidos e Oriente e logo se dedicou ao magistério. No exercício da profissão, participou ativamente do movimento de renovação do sistema educacional brasileiro. Fundou, em 1934, a primeira biblioteca infantil do país. Cecília Meirelles morreu em 9 de novembro de 1964, no Rio de Janeiro.

Esta e outras poesias de Cecília Meirelles você pode encontrar no site: <http://geocities.yahoo.com.br/edterranova/ceciliapoe.htm>

Convidamos você a refletir sobre o papel do(a) professor(a) e também o papel da cultura nesse processo de mediar o olhar da criança sobre o mundo. Consideramos fundamental lembrar que, como escreveu Cecília Meirelles na poesia que acabamos de ler, na relação com a realidade, “umas são imagem do mundo, outras são inventadas.”

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Neste texto de OTP, queremos destacar o papel do(a) professor(a) e das instituições de Educação Infantil como mediadores das aprendizagens da criança a partir das interações que a criança estabelece com a cultura.

Os objetivos deste texto são:

- 1. Discutir o papel do brincar e da brincadeira no cotidiano da Educação Infantil, enquanto elementos da cultura.*
- 2. Compreender os diferentes usos das produções culturais veiculadas pela mídia na Educação Infantil.*
- 3. Reconhecer a produção da cultura infantil e promover o seu enriquecimento.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Estudamos em unidades anteriores deste módulo que a criança pensa o mundo a partir das interações que estabelece com os outros e com a sociedade de modo geral. Essa sociedade oferece uma série de oportunidades para que a criança se desenvolva, conheça, observe, participe. Dessa forma, a criança vai aprendendo a respeitar o mundo que a cerca, vai conhecendo seus valores, sua(s) cultura(s). Os valores sociais são, em última instância, fruto de todas as experiências da criança: os aprendizados e significados culturais que a circulam ao longo de sua vida. Coisas que podem ser oferecidas nas creches, pré-escolas e escolas, mas que a criança recebe, também, da família e do seu meio social, antes mesmo de entrar para a instituição de Educação Infantil.

Neste texto, destacamos o valor do brinquedo e da brincadeira enquanto elementos da cultura e também a sensibilização para o trabalho com a criança a partir da produção cultural direcionada para ela. Vejamos o que podemos aprender juntos.

Seção 1 – O brinquedo e a brincadeira: o uso de materiais estruturados e não estruturados (por educadores e crianças)

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- APROPRIAR-SE DE CONHECIMENTOS PARA O USO PEDAGÓGICO DE MATERIAIS ESTRUTURADOS E NÃO ESTRUTURADOS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Ao olhar para os brinquedos e para as brincadeiras das crianças, podemos perceber a sua compreensão do mundo. Ou seja, embora normalmente as crianças brinquem de forma espontânea e natural, a brincadeira sempre revela a cultura de uma época, os valores que a sustentam e os costumes que a caracterizam e as manifestações artístico-religiosas de que se revestem (Vitória, 2003).

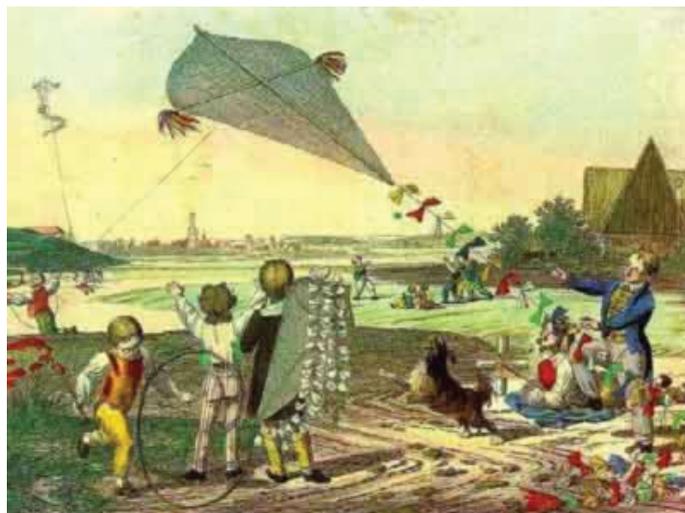


Peraltice na gangorra, "Cenas Infantis". Sandra Guinle

Podemos avançar nessa compreensão, a partir de Walter Benjamin, filósofo alemão, que escreveu sobre a história cultural do brinquedo. Segundo Benjamin (1984), para compreendermos o brinquedo, e por que não dizer também a brincadeira, precisamos olhar para a cultura, para a classe na qual a criança está inserida, pois os brinquedos estabelecem um diálogo simbólico entre a criança e a sua realidade.

O brinquedo e a brincadeira são, então, construções culturais que assumem características que representam transformações sócio-culturais. Estão interligados nessa relação com a cultura.

Vários artistas retrataram a brincadeira das crianças e seus brinquedos. A partir do quadro *O Parque Infantil*, de Johann Michael Voltz, alemão (1784-1858), Raquel Altman (2005) fala da história do arco, enquanto um objeto da cultura e também como um brinquedo que se coloca como suporte para a brincadeira.



Johann Michael Voltz, "O Parque Infantil" – 1784-1858

Arco de Barril: este é o nome dado a uma das mais antigas brincadeiras de rua. Trata-se de fazer rolar um arco, dirigindo-o com um bastão.

A primeira menção ao arco aparece no século VI a.C., na Grécia antiga, ao ser utilizado como instrumento de ginástica ou por pessoas com debilidade física. Na Roma Antiga, o arco de bronze aparece rolando nas ruas, no entanto como um jogo dos adultos e não das crianças. A partir do século XVI, as brincadeiras infantis tornam-se tema de vários quadros, como esta cena retratada pelo pintor alemão Johann Voltz. O arco, que era um objeto do mundo adulto, passa a ser retratado como um brinquedo ligado ao mundo da infância.

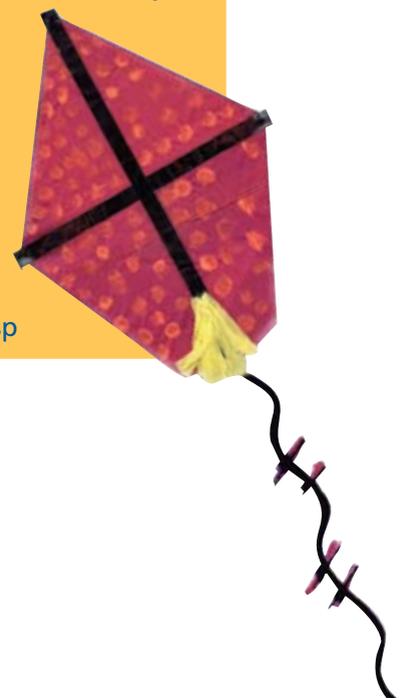
As pipas, que vemos no quadro anterior, junto com o arco, também fazem parte da nossa cultura, assumindo diferentes nomes e modelos.

Pipas

- Brinquedo masculino de procedência oriental também chamado papagaio, pandorga ou cafifa, feito na maioria das vezes de papel, com armação de bambu. O papel é preso na armação com cola industrializada ou feita em casa. A cola artesanal, chamada grude, é feita com água e farinha de trigo ou mandioca. Usa-se também macarrão cozido com arroz para colar o papel. Depois do papel colado à armação, prende-se a rabiola e o cabresto. A rabiola, também denominada rabo, é uma linha à qual se amarram laçadas de papel, pano ou plástico – os pesos – que vão dar equilíbrio à pipa.
- Há vários tipos de pipa de acordo com a disposição da armação, o corte ou desenho e cores do papel: pipa X, orelha, caixote, estrela, morcego, raia ou arraia, caveira, águia, pavão, violão, pião, faixa, toca-da-raposa. Algumas não levam rabiola, como as pipas arraia e pavão. Jareco ou jerequinho é a pipa bem pequena, sem armação, feita com papel de caderno ou jornal.
- Os locais abertos ou os grandes espaços são os melhores para se soltar pipa. As pipas são empinadas a favor do vento, em uma hora do dia em que o sol não caia direto na vista e o seu vôo corre por conta do piloto que fica em terra, dando mais ou menos linha, embicando, provocando piruetas. Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro são os preferidos por causa do vento. Ao diminuir sua intensidade, os meninos lançam o canto para o vento vir:

*Vem vento
Caxinguelê
Cachorro do mato
Quer te morder*

<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/abril77/ca77004d.asp>



A pipa também foi tema para outros pintores em diferentes épocas, como Francisco de Goya, no século XVII, e Portinari, no século XX.



Francisco de Goya,
"O Cometa" – 1778



Cândido Portinari, "Menino com Pipa" – 1954
Pintura a óleo/tela 60 x 73cm

ATIVIDADE 1

- a) *Você já participou dessas brincadeiras como rodar arco e soltar pipa? Como essas brincadeiras e brinquedos eram chamados? De que materiais eram feitos? Eram produzidos pelas crianças, pelos adultos ou eram comprados?*

- b) *E entre as crianças com as quais você trabalha, você observa a pipa e o arco presentes na sua cultura? De que materiais são feitos? Como as crianças brincam?*

O brinquedo, em especial, é concebido como suporte da brincadeira. Gilles Brougère (1994), pesquisador francês, ao escrever sobre a relação do brinquedo com a cultura, entende que o objeto torna-se brinquedo quando assume uma função lúdica, ou seja, quando a criança reveste esse objeto de um significado que é sempre social. Diante disso, compreendemos que o brinquedo não é só aquilo que está culturalmente investido desse estatuto, mas aquilo que a própria criança produz ou investe de sentido lúdico. O adulto pode criar, produzir um brinquedo para a criança, mas esse objeto (brinquedo), quando relacionado com a brincadeira da criança, não parece definido por uma função precisa. De acordo com Brougère, "trata-se, antes de tudo, de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou a princípios de utilização de outra natureza" (1984, p. 13).

ATIVIDADE 2

Na situação que se segue, observada numa creche, entre crianças de 1 ano e meio a 2 anos, o mesmo objeto assume diferentes significados numa proposta mediada pela professora e pelas próprias crianças:

Num pátio bem amplo, uma professora apresentou para as crianças uma caixa com cordas de diferentes tamanhos e espessuras. As crianças iam retirando as cordas da caixa, olhando e tentando fazer algo com as cordas. Uns saíam puxando, outros penduravam no pescoço, outros jogavam no chão. A professora tentou prestar atenção ao movimento de cada criança, incentivando o que estavam fazendo. No meio da atividade, uma menina deitou-se no chão e uma outra veio fazê-la dormir. Outras crianças, ao verem a cena, imitaram a colega. Ao perceber o movimento das crianças, a professora sentou-se no chão e começou a cantar uma cantiga de ninar. A princípio, parecia que a corda ficara esquecida. No entanto, assim que viu a professora cantando, uma menina pegou uma das cordas e trouxe para que a professora cantasse ao “microfone”. A professora aceitou a proposta da criança e logo fez o convite para que todos cantassem ao “microfone”. Duas outras crianças correram para pegar cordas também, interessadas em cantar, e uma nova brincadeira se iniciou no pátio.

Que mediações aconteceram na situação acima? Qual foi iniciativa da professora? Qual foi iniciativa das crianças? Você pode anotar suas respostas no caderno.

Podemos dizer que as crianças brincam: em todos os tempos e em todas as culturas. Utilizando objetos, ou não, competindo, ajudando, compartilhando, as crianças, através da brincadeira, desenvolvem e constroem o seu pensamento, a sua lógica, o seu jeito próprio de ver o mundo. Como um adulto significativo nesse processo de interação da criança com a realidade, o(a) professor(a) da Educação Infantil pode ser alguém que irá fazer a ponte – ser mediador – ajudando a criança a expressar sentimentos, alegrias, frustrações e conquistas a partir da relação que a criança estabelece com o brinquedo e com a brincadeira.

A mediação do adulto é uma constante na vida das crianças, seja na escola, na família ou na comunidade. Esse lugar do adulto na vida da criança é representado na arte, como vemos nos quadros de Van Gogh e do artista italiano, Eugênio Edouardo Zampighi (1859-1944):



Eugenio Edouardo Zampigh
"O centro das atenções"



Eugenio Edouardo Zampigh
"O centro das atenções"

Entendendo a importância da brincadeira e da cultura, as oportunidades de trazer elementos da cultura para o cotidiano da Educação Infantil, através do brinquedo e da brincadeira, deve ser uma preocupação constante do profissional que trabalha com a criança de 0 a 6 anos.

Esse lugar de mediador deixa espaço para que a criança se aproprie do brinquedo e da brincadeira a partir do seu próprio ponto de vista. Assim, os significados e apropriação dos brinquedos variam de região para região.

A seguir, veremos algumas brincadeiras que as crianças brincam e que podem aparecer em diferentes versões.

Brincadeiras de roda



Priscilla Silva Nogueira

As cantigas de roda são, em regra, folguedos folclóricos. A forma mais comum é a roda simples, em que as crianças se movimentam e cantam simultaneamente. As brincadeiras de roda assumem formas diferentes nas diversas regiões do Brasil.

Um exemplo disso é a cantiga, mais conhecida como “A canoa virou”. É uma cantiga de roda, onde uma das crianças fica no centro da roda. Adriana Friedmann (2004, p. 127) apresenta pelo menos quatro versões conhecidas. Veja uma delas:

*A canoa virou
Por deixar ela virar
Foi por causa da Fulana (nome da criança)
Que não soube remar
Tirilim pra cá
Tirilim pra lá
A Fulana é velha
E não quer se casar*

Jogos de perseguir, procurar e pegar



André Henri-Dargelas, “Brincadeira na floresta”

Os jogos de correr, pegar, procurar, são muito apreciados pelas crianças. São jogos onde o objetivo é perseguir os adversários. Nesses jogos, as crianças aprendem a lidar com regras e a brincar em grupo. No quadro acima, do artista francês André Henri-Dargelas (1828-1906), vemos um exemplo desse tipo de brincadeira, chamada “cabra-cega”. Esse quadro foi pintado no final do século XIX.

Outra brincadeira, também no mesmo estilo é a brincadeira chamada “chico-tinho queimado”. A mesma autora citada anteriormente, Adriana Friedmann (2004), apresenta outros nomes para uma mesma brincadeira: “corre cotia”, “lencinho”, “lencinho branco”, “lenço na mão”, “lenço atrás”. Poderíamos ainda acrescentar: “batata quente” e “galinha choca”. E pode ser que você ainda conheça um outro nome para a mesma brincadeira!

Veja, a seguir, a descrição dessa brincadeira, adaptada do livro “A arte de brincar”, dessa autora:

Lenço atrás

Dispõem-se os jogadores em círculo, voltados para o centro e ligeiramente afastados uns dos outros. Escolhida por sorte, uma criança permanecerá fora do círculo e segurará um lenço (ou um objeto como uma bola, um graveto). Dado o sinal de início, o jogador de posse do lenço (ou do objeto escolhido) corre ao redor do círculo com o fim de deixá-lo cair atrás de uma das crianças. Enquanto a criança corre, as crianças do círculo, de olhos fechados vão cantando:

*Corre cotia
na casa da tia
corre cipó na casa da vó
lencinho na mão caiu no chão
moça bonita do meu coração posso jogar? Pode!*

Agora, todos de olhos abertos, assim que a criança, atrás de quem foi deixado o lenço, perceber que o lenço está ali, deverá apanhá-lo e sair correndo atrás do jogador que deixou cair, procurando prendê-lo antes de ocupar o lugar vago. Se a criança que deixou o lenço cair for presa, ficará “choca”, indo para o meio do círculo onde permanecerá sentada. O jogador que ficar de posse do lenço continuará correndo em torno do círculo e repetirá a ação, colocando o lenço atrás de uma das crianças e procurando ocupar o seu lugar. Se for pego, ficará no lugar da criança que está no “choco”, e esta voltará para a roda. A brincadeira pode continuar até que todos tenham oportunidade de jogar o lenço ou enquanto permanecer o interesse das crianças pela brincadeira.

(Adaptado do livro “A arte de brincar”, de Adriana Friedmann, 2004. p. 55.)

Brincadeiras ritmadas

As brincadeiras ritmadas estão presentes principalmente no folclore. As crianças se encantam em repetir, inventar e reinventar quadras que implicam habilidades da memória, das mãos e da voz. Assim como as brincadeiras apresentadas anteriormente, as brincadeiras que se baseiam na verbalização ou no canto assumem diferentes versões também. Friedmann (2004, p. 138-140) apresenta sete versões da mesma parlenda. Veja três dessas versões:

Parlendas

*Hoje é domingo,
Pé de cachimbo;
Cachimbo é de barro,
Bate no jarro;
O jarro é de outro,
Bate no touro;
O touro é valente,
Bate na gente;
A gente é fraco,
Cai no buraco;
O buraco é fundo,
Acabou-se o mundo.*

(Bom Retiro)

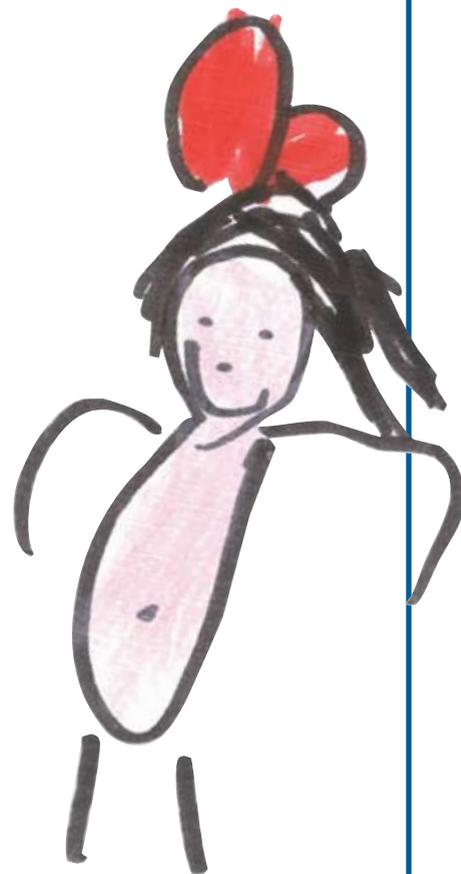
*Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo;
Galo Monteiros;
Pisou na areia;
Que dá no sino;
O sino é de ouro,
Que dá no besouro;
O besouro é de prata,
Que dá na mata;
A mata é valente,
Que dá no tenente;
O tenente é mofino,
Que dá no menino;
O menino é valente,
Que dá em toda gente.*

(Rio de Janeiro/Sergipe)

*Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo;
O cachimbo é de ouro,
Bate no touro;
O touro é valente,
Chifra a gente;
A gente é fraca,
Cai no buraco;
O buraco é fundo,
Acabou-se o mundo.*

(Bela Vista/Belém)

Ao estar atento a todas essas possibilidades de brinquedos e brincadeiras, o(a) professor(a) atua como mediador(a) entre a criança e o mundo que a cerca, trazendo a cultura, ampliando as possibilidades de a criança significar o mundo à sua volta.





ATIVIDADE 3

Além das brincadeiras que acabamos de trazer, que outras brincadeiras você conhece que apresentam diferentes versões? Você pode fazer uma lista e compartilhar com os(as) professores(as) no encontro quinzenal.

Seção 2 – Produções culturais como instrumento pedagógico na Educação Infantil

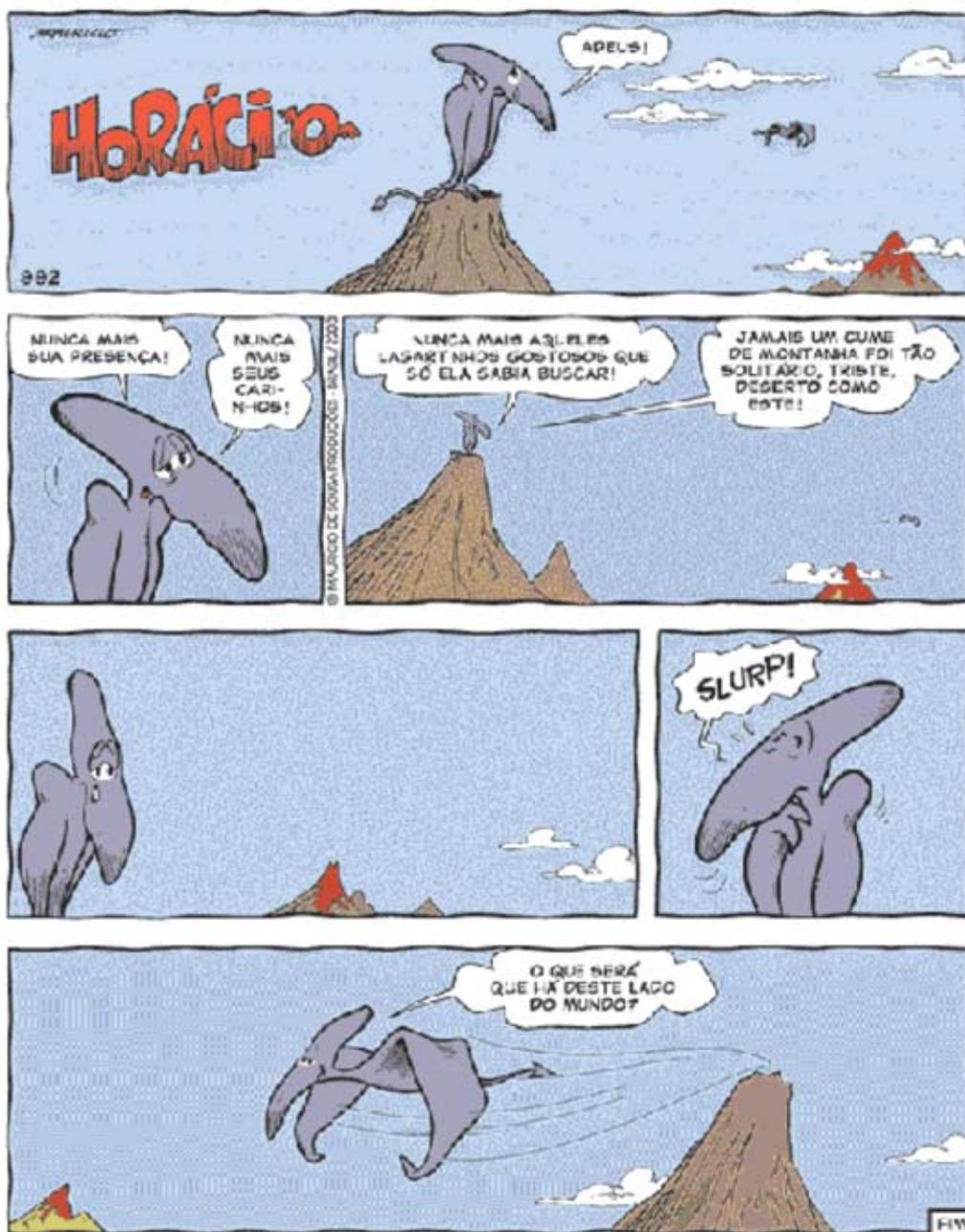
OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- APROPRIAR-SE DE USOS ADEQUADOS DAS PRODUÇÕES CULTURAIS VEICULADAS PELA MÍDIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

No texto de FE desta Unidade 3, falamos da importância de, ao pensarmos na produção cultural da infância e para a infância, levar em consideração que a experiência humana, especialmente nos dias de hoje, se caracteriza por uma diversidade de relações.

Como vimos em algumas unidades do Módulo I, a princípio, a família e a comunidade eram basicamente o centro da vida da criança pequena. No século XIX, vemos surgir as primeiras iniciativas de creches e pré-escolas. Assim, na primeira metade do século XX, principalmente, a família, a comunidade e a escola eram as principais instâncias que marcavam o processo de educação e construção da subjetividade das crianças. No entanto, hoje parece que a cultura de mídia – a televisão, as revistas, o rádio – está tomando o lugar dessas instituições tradicionais, influenciando significativamente a forma da criança e dos jovens perceberem, interagirem e intervirem no mundo. Por isso, como vimos no texto de FE, no trabalho da Educação Infantil seria fundamental considerarmos esse contexto atual, sem perder de vista as manifestações da cultura e a tradição.

Vamos ver, agora, algumas possibilidades de trabalharmos com essas produções culturais na Educação Infantil, lembrando que há sempre um outro ponto de vista pelo qual podemos ver cada questão do cotidiano.



Copyright © 2003 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

As histórias em quadrinhos

Se chegarmos perto de uma banca de jornal, vamos visualizar uma infinidade de revistas em quadrinhos com os mais diferentes personagens e temas. Lúcia Cademartori (2003, p. 47), ao discutir a relação da criança com os quadrinhos, reconhece que, até mesmo antes de ser alfabetizada, a criança se familiariza com as personagens do universo dos quadrinhos. Isso porque essas persona-

gens chegam até a criança no vestuário, nos utensílios, nos temas das festas infantis, no desenho animado.

Não temos dúvida quanto à importância da presença da literatura no cotidiano da Educação Infantil. Além de estarmos trazendo, neste curso do PROINFANTIL, a literatura como espaço de reflexão, ela será tema da Unidade 6 no Módulo IV. No entanto, às vezes, a presença de histórias em quadrinhos nas salas da Educação Infantil aparece sem que percebamos as suas possibilidades. Adriana Carvalho e Marcelo Oliveira (2005) defendem a presença dos quadrinhos na Educação Infantil, lembrando que, através dos quadrinhos, as crianças não-alfabetizadas podem estar em contato com um gênero discursivo que é divertido e rico em expressões. Os quadrinhos podem ser uma estratégia para colocar a criança em contato com o mundo letrado. Esses autores dão algumas orientações para a escolha dos quadrinhos:

- *O projeto pedagógico da creche, pré-escola ou escola pode ser a base para a escolha dos quadrinhos. Se o projeto, por exemplo, discute a responsabilidade em relação ao meio-ambiente, os quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, trazem muitas histórias que podem ajudar as crianças a refletirem sobre esse assunto. Isso porque o contato da criança com a história em quadrinhos deve ser dinâmico, atendendo sempre a um objetivo real de leitura.*



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7525

(Essa e outras tirinhas você encontra no site: www.turmadamonica.com.br)

- *Organizar um cantinho da leitura, onde as crianças tenham liberdade de manusear os diferentes gêneros discursivos, entre eles as histórias em quadrinhos. Os autores citados acima sinalizam para a importância de que a instalação do cantinho de leitura seja uma atividade coletiva: as crianças podem descobrir todos os escritos do cantinho, manipular um certo número deles, encapar os livros, instalar o material, separar os livros das revistas de histórias em quadrinhos, inventar códigos que permitam identificar cada categoria, classificar as histórias em quadrinhos conforme o critério, editora ou autor, e, depois, ajudar na arrumação e na conservação.*



- A visita a **gibitecas, bibliotecas e bancas de jornal** também pode ser um meio de colocar a criança em contato com as histórias em quadrinhos. Essas visitas devem sempre ser agendadas com antecedência, combinando também com as crianças o que podem perguntar e o que querem ver.

- Trazer para as crianças as histórias em quadrinhos em diferentes suportes: os jornais, com as famosas tirinhas, ou os gibis como a *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza. Há ainda livros como os que trazem as tirinhas da *Mafalda*, de Quino (2002).

No contato com as histórias em quadrinhos as crianças podem questionar o texto, atribuindo significados. Diante de um livro de contos-de-fada, de uma história em quadrinhos, o(a) professor(a) deve dar oportunidade para que as crianças questionem primeiro o texto. Muitas vezes, antes mesmo de a criança questionar, o(a) professor(a) faz perguntas de compreensão. Ao observar livremente as histórias em quadrinhos, as crianças (entre 4 e 6 anos de idade principalmente) podem formular hipóteses de interpretação e verificar a eficácia da sua leitura, compartilhando suas hipóteses com os(as) colegas e o(a) professor(a). A diversificação da história em quadrinhos oferece muitos indícios para as crianças levantarem suas hipóteses: as ilustrações, a natureza do suporte (jornal, gibis, livros), o formato do suporte (grande, pequeno), as cores utilizadas, a tipografia (a maneira como os textos estão impressos), o tamanho das histórias, como o texto está disposto na página (vertical, horizontal) e outras possibilidades.

Os álbuns de figurinhas



Em abril de 2005, foi lançado o desenho animado "Robôs" (uma produção da Blue Sky, direção: Chris Wedge e Carlos Saldanha, 2005). Junto com o filme, vieram os ovos de páscoa com as personagens do desenho, mochilas, e o álbum de figurinhas. Já estava nas bancas o álbum de figurinhas dos "Incríveis", desenho lançado no final de 2004. Valendo-se da atração que as coleções exercem sobre as crianças, a **mídia**, a partir dessas personagens, explora o consumo dos mais diferentes produtos. No entanto, sabemos que a maioria das crianças não tem acesso a esses produtos, comprando, muitas vezes, uma imitação mais barata e acessível. Sem perder de vista esse olhar crítico para a ênfase no consumo, podemos olhar o álbum de figurinhas como um espaço de troca e construção de conhecimento.

Discutindo a relação da criança com o álbum de figurinhas, Vera Pereira (2003. p. 69) lembra que "a sociedade está assentada num sistema de trocas simbólicas". Dependendo do objeto, o valor de troca será maior ou menor. Para a autora,

“o álbum de figurinhas representa especialmente esse sistema de trocas”. As crianças atribuem diferentes valores às figurinhas, aparecendo aquela que pode ser trocada por cinco ou mais. São as chamadas “figurinhas difíceis”. Além disso, ao colecionar um determinado álbum, a criança identifica, categoriza, analisa e organiza as figurinhas, fazendo relações com o espaço e com o tempo, com quantidades, com o que já possui e com o que falta.

Esses elementos podem ser aproveitados para a coleção de um álbum de forma coletiva, onde as próprias crianças escolham um tema e organizem o álbum, como a situação vivida por uma professora numa turma de crianças de 4 e 5 anos:

Um álbum de contos-de-fada

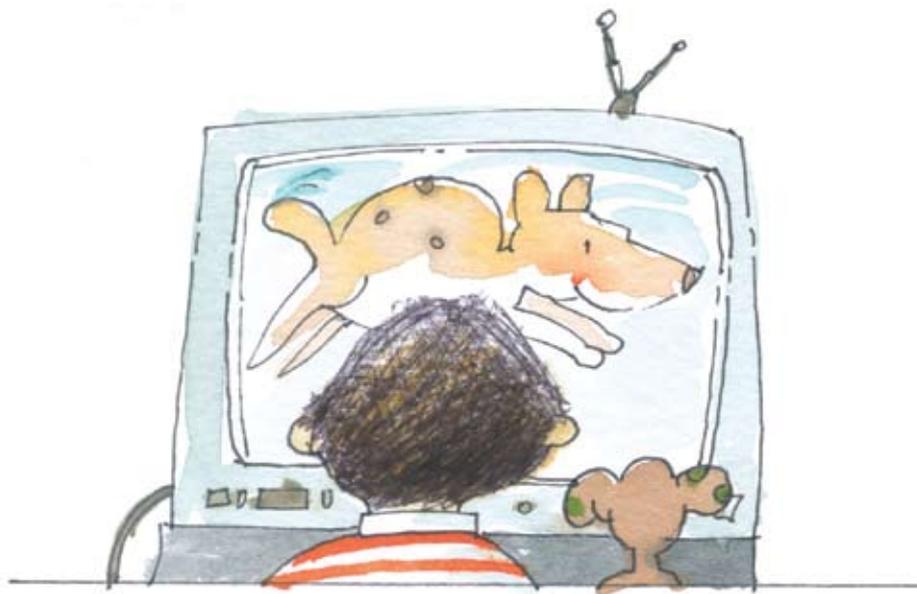
Durante um projeto em que as crianças se envolveram com personagens dos contos-de-fada, uma menina trouxe um envelope de figurinhas com algumas dessas personagens. Ela disse que veio no jornal. As figurinhas causaram um reboiço na turma. Ao ver o interesse das crianças, a professora perguntou para que serviam as figurinhas. A menina disse que era para colocar no álbum, mas ela não tinha dinheiro para comprar. Um menino do grupo perguntou por que ela não fazia um. A professora então perguntou para o menino como poderiam fazer um álbum e ele explicou: “A gente faz uma porção de quadrados nas folhas e põe um número”. A professora perguntou se era um número em cada quadrado e ele disse que era isso mesmo e continuou: “Aí a gente cola as folhas e vai colando as figurinhas nos quadrados”. A professora, então, aproveitou o interesse das crianças e propôs que organizassem um álbum de figurinhas das personagens dos contos-de-fada. Fizeram uma lista de todas as personagens que lembravam. Uma menina disse que tem um livro para cada história, então deveria ter um álbum para cada história. A professora sugeriu que poderiam ter uma folha para cada história e o grupo concordou. Assim, organizaram uma folha para cada história, com os quadrados numerados. Combinaram também que as figurinhas poderiam ser recortadas de encartes de supermercados, de revistas antigas e até desenhadas pelas crianças. A princípio, o álbum ficou com sete páginas e 35 quadrados numerados. Ao trazerem as figurinhas construídas por elas, escolhiam um quadrado, escreviam (ou pediam para um amigo ou para a professora escrever) o número do quadrado e depois colavam a figurinha. Essa atividade envolveu a turma por um longo período. Quando o álbum ficou pronto, foi agregado aos livros no cantinho da leitura.

Se olharmos para a produção cultural direcionada para a criança hoje, temos um leque bem amplo, incluindo a televisão, o cinema, a literatura e o teatro.

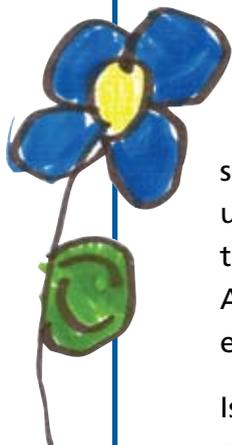
A televisão

Se a revista em quadrinhos e os álbuns de figurinhas não estão acessíveis a todas as crianças, não podemos dizer o mesmo da televisão, que está presente na vida de praticamente todas as crianças das diferentes classes sociais.

Segundo Raquel Salgado, ao olharmos para as relações estabelecidas na família hoje, vemos um distanciamento crescente entre pais e filhos. Os pais, envolvidos com a vida profissional, com o trabalho, e as crianças, na intimidade, envolvidas com o mundo da **parafernália eletrônica**, principalmente, podemos afirmar, a televisão. Através da televisão, as crianças viajam a lugares jamais vistos, dialogam com amigos virtuais, que, com seus superpoderes e ousadia, "são sempre mais do que tudo e todos". Através dessa convivência diária com a televisão, a criança depara-se com "outras maneiras de conhecer, outras formas de perceber o mundo e, também, outros valores" (Salgado, 2003, p. 79). A partir desse envolvimento constante com os valores da TV, a criança constrói conhecimentos, valores e formas de perceber o mundo dos quais, muitas vezes, nós adultos não temos percepção.



No texto "Criança e televisão: uma relação superpoderosa", Magalhães (2003) nos ajuda a avançar na compreensão dessa relação da criança com a televisão, ao questionar a postura de passividade anestésica do receptor/criança. Segundo o autor, "a criança age, reage, cria e confabula a todo instante, e é assim que incorpora e se incorpora ao seu mundo novo" (Magalhães, 2003, p. 115). Por isso, devemos estar atentos não exatamente ao que a TV faz com a criança, mas a que programação a criança está assistindo. Algumas perguntas



são importantes: “que elementos tem essa programação que podem suscitar uma interação efetiva e afetiva da criança com a TV? Teriam esses elementos a capacidade de acrescentar e/ou aprimorar as experiências da criança? A TV é a mesma para todas as crianças, ou ajuda a ampliar a exclusão social entre elas?” (p. 116).

Isso quer dizer que não adianta apenas criticar a programação da televisão, mas assumir uma postura crítica e seletiva daquilo que a criança assiste e não deixá-la à mercê da TV, o que muitas vezes acaba sendo conveniente ao adulto. Isso porque muitas vezes o que está disponível à criança são programações direcionadas ao público adulto, e o que é cômodo para o adulto acaba sendo inconveniente para a criança.

O que pode mudar esse quadro? Se, por um lado, não podemos negar a presença da TV na vida dos adultos e das crianças, por outro, podemos mobilizar a sociedade de modo geral para olhar criticamente para a TV. Se os adultos não forem seletivos no que vêm na TV, como desejar que isso aconteça na vida das crianças? Magalhães (2003) sugere que essa mobilização comece em casa: assistindo junto com as crianças as programações e aprendendo a “ler” de forma crítica as imagens (dos desenhos, das propagandas, dos programas dos jornais), negociando regras e horários, conhecendo o que as crianças gostam na TV. Atitudes como estas podem ajudar a criança a criar espaços de reflexão da sua relação com a TV.

O livro “Liga-desliga”, de Camila Franco e Marcelo Pires, traz a história bem-humorada de uma televisão que “assistia” a um menino, até que um dia...

*Era uma vez uma televisão que não saía da frente de um menino.
Todo dia e toda hora, lá estava ela assistindo o menino.
Já não brincava mais com as suas amigas televisões da rua.
Ficava lá na sala, sem trocar de canal.
Era sempre o mesmo menino que ela via.
A sua Mãesubishe sempre dizia: – Desliga esse menino, TV.
TV era o seu apelido em casa.
E TV, nada.
O seu Painasonic, quando chegava em casa, era mais enérgico.
Ia até a sala e desligava o menino.
Mas a TV chorava em chuviscos e o Sr. Painasonic acabava tendo que
ligar o menino de novo...
Um dia o menino ganhou uma bola.*

E quando TV foi para sala, logo depois do café da manhã, o menino já não estava mais lá.

TV ficou sem saber o que fazer. Ia assistir o quê, agora?

Foi até a janela e viu, ao vivo e em cores, o mundo lá fora.

E nesse mundo, o menino jogando bola com outros meninos.

(FRANCO, Camila, PIRES, Marcelo. Liga-Desliga. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1992.)

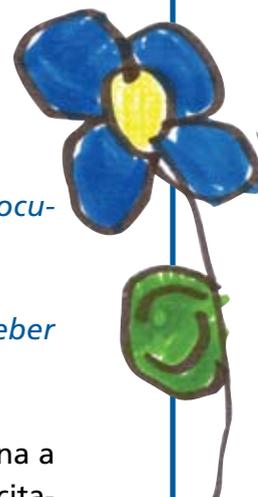
Podemos entender então, nessa relação da criança com a TV, que a televisão em si não é ruim, mas sim o modo como a criança se relaciona com ela. No contexto da creche, pré-escola ou escola, podemos utilizar a televisão e o vídeo em momentos apropriados e significativos para as crianças. Por exemplo, num projeto de literatura que aborde os contos-de-fada, as crianças podem ver um filme como "A Bela e a Fera" (1991), "Branca de Neve e os sete anões" (1937), dos estúdios Disney, ou "Shrek" (2001), da DreamWorks, que traz um ogro porcalhão que deseja se libertar das personagens de contos-de-fada que habitam o seu pântano. Para isso, precisa libertar uma princesa que está presa numa torre. O final, surpreendente, transgride a receita do sapo que vira príncipe: é a princesa que se transforma em fêmea de ogro. Mas, afinal de contas, também vivem felizes para sempre. A televisão está tornando-se instrumento de aproximação entre a criança e a produção cultural do cinema para o público infantil, que tem crescido significativamente nas duas últimas décadas.

ATIVIDADE 4

Na creche, pré-escola ou escola em que você trabalha, que lugar tem ocupado as produções culturais para a criança?

Como as crianças trazem essas produções do dia a dia? Você pode perceber essas influências?

Nesta atividade, nossa proposta é que, a partir da proposta que direciona a sua ação pedagógica, você escolha uma das produções culturais que já citamos (brinquedos, brincadeiras, história em quadrinhos, álbum de figurinhas, televisão, cinema), ou outra que você desejar, e pense em uma proposta que envolva as crianças com essas produções. Você pode levar sua idéia para compartilhar com o grupo no encontro quinzenal.



Seja o cinema, a televisão, a literatura, a poesia, o teatro, os brinquedos, as histórias em quadrinhos, o álbum de figurinhas, os **jogos digitais**, ou qualquer outra produção cultural para a criança, acreditamos que a relação das crianças com essas produções necessita da mediação dos adultos. E, no que diz respeito ao lugar dessa produção cultural no contexto da creche, pré-escola ou escola, acreditamos que as crianças têm direito de terem acesso a todos os bens culturais e se expressarem nas diferentes linguagens que permeiam essas produções.



ATIVIDADE 5

Na sua cidade, existe algum lugar específico com alguma produção cultural para as crianças (teatro, cinema, biblioteca, brinquedoteca, parque)? Qual seria a possibilidade de levá-las a um desses locais? Esta pode ser uma boa oportunidade para você procurar lugares como esses com diferentes produções culturais para as crianças e levá-las para um passeio.

Lembrando ainda que, embora devamos estar descompromissados com os interesses da indústria que move a produção cultural para a infância, como instituição de Educação Infantil, temos que levar em conta a significativa presença dessas produções no imaginário das crianças. Por isso, professor(a), é fundamental estar atento às manifestações das crianças e a como mediar o olhar da criança de forma a valorizar também as produções delas próprias. É sobre isso que falaremos na Seção 3. Ainda neste Módulo II, e também no Módulo IV, você terá oportunidade de voltar a discutir a relação da criança e da creche, pré-escola ou escola com várias dessas produções.

Seção 3 – As instituições de Educação Infantil e sua ação na mediação da criança com o mundo

OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- APRENDER A AVALIAR A PRODUÇÃO DA CULTURA INFANTIL E PROMOVER O SEU ENRIQUECIMENTO.

No texto de FE que acabamos de estudar, falamos que é na relação entre o que já está produzido, gerado pelos adultos para as crianças – a literatura, os jogos, os brinquedos, cinema, músicas, videogames, jogos para o computador, festas etc. –, no modo como as próprias crianças se apropriam dessas produções e nas interações que estabelecem entre si e com os adultos que vemos surgir os mundos culturais da infância. Isso quer dizer que, quando

observamos as crianças, vemos refletido em suas brincadeiras o mundo que os adultos apresentam a elas. No entanto, essa observação pode mostrar que as crianças criam suas próprias produções, dando seus próprios significados para os objetos produzidos pelos adultos.



Amamentando a Barbie

Numa turma de crianças de 4 anos, uma professora observou um grupo de meninas brincando de desfile de moda. No dia seguinte, levou para a sala várias bonecas Barbie que estavam há muito tempo guardadas. As Barbies haviam feito parte da sua infância e adolescência. Pensou em fazer um desfile de moda de bonecas. Para sua surpresa, uma menina apropriou-se de uma das bonecas, vestiu um vestido de outra boneca e a colocou para dormir. Depois, amamentou a boneca Barbie e a levou para a creche.

A possibilidade de dar um novo significado a uma boneca tão revestida de uma imagem adulta como a Barbie mostra que a criança, ao dar novos significados a esses objetos, está criando a sua própria visão de mundo, ou seja, está produzindo cultura também.

A seguir, trazemos uma situação em uma turma de 4 e 5 anos:

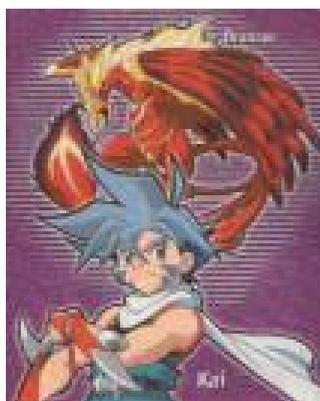
Cena 1: O sumiço das tampinhas

Naquela manhã, a professora, ao guardar os tubos de cola, verificou que faltavam as tampas. Num rápido olhar pela sala, encontrou cinco meninos ajoelhados num canto. Ao chegar perto, descobriu as tampas de cola servindo de pião. As crianças rodavam as tampinhas e verificavam qual delas demorava mais a parar de rodar. Ao perguntar porque estavam fazendo as tampas de cola de pião, um menino retrucou: – Não é pião, é “Bay Blade”. – Bay Blade? – É, do desenho! E a professora descobriu que Bay Blade era o nome de um desenho animado que deu origem a um brinquedo com o mesmo nome. E as crianças explicaram, direitinho, tudo o que acontecia no desenho. Combinaram, então, que no dia seguinte trariam tampas de diferentes tamanhos e que as tampas das colas não poderiam ser utilizadas, pois as colas iriam secar se ficassem abertas. Na manhã seguinte, passaram um bom tempo enfeitando as tampas, experimentando para ver se rodavam mesmo. Assim, foi iniciada uma coleção de Bay Blades feita pelas próprias crianças. A partir dessa história de pião e Bay Blade, a professora trouxe o pião como objeto do folclore,

sua origem, como aparece nas diferentes regiões. O tio de uma das meninas participava de campeonato de pião e veio ensinar as crianças a rodarem pião. As crianças mostraram a sua coleção de Bay Blades e ganharam um pião colorido para a coleção. A professora levou adivinhas e cantigas de roda sobre o pião. Conseguiu também um vídeo com o desenho Bay Blade para ver junto com as crianças. As crianças também observaram algumas obras de arte de artistas brasileiros que traziam o pião como tema. E várias outras atividades surgiram naquilo que se transformou em um projeto. E tudo começou com a invenção das crianças de fazerem tampinhas de cola virarem Bay Blade.

Veja algumas informações e imagens que a professora utilizou:

Bay Blade: um tipo de pião pequeno, colorido. Uma pequena peça, com uma tira dentada, é encaixada no brinquedo. Ao ser puxada a tira, a Bay Blade sai rodopiando pelo chão. No desenho animado, as Bay Blades são poderosas armas na luta contra o mal.



Pião: em forma de cone, é feito de madeira com um prego na ponta. Utiliza-se uma corda enrolada em seu corpo, que é puxada quando ele é jogado no chão. Assim, o pião gira apoiado no prego em volta de si mesmo, como o movimento da terra.



Candido Portinari, "Menino com pião" – 1947
Pintura a óleo/tela – 65 x 54cm

Advinhas

1. *Estando nu, eu não danço
me vestem para dançar
Mas me arrancam a capa
Para me verem brincar*
2. *É de madeira e ferro
Carrega tripa por fora
Quando brinca com ele
Pula, canta, até chora*

Cantiga de roda

Roda pião

*O pião entrou na roda, pião.
O pião entrou na roda, pião.
Roda pião, bambeia pião.*

*Sapateia no tijolo, pião.
Sapateia no tijolo, pião.
Roda pião, bambeia pião.*

*a menina não é capaz
de rodar o pião no chão,
roda pião, bambeia pião.*

ATIVIDADE 6

Na cena que você acabou de ler, o que podemos perceber que é produção das crianças? De que modo a professora valorizou essa produção das crianças? Anote as suas observações no caderno.

ATIVIDADE 7

Observe o seu grupo e descreva uma situação em que você perceba as crianças produzindo alguma brincadeira, algum brinquedo. O que você, professor(a), poderia fazer para valorizar essas descobertas e produções das crianças? Anote suas idéias e observações no caderno, pois esse material pode ser interessante para trocar no encontro quinzenal.

Neste Módulo II, em várias unidades estaremos destacando a importância da cultura e da brincadeira no desenvolvimento das crianças. Na Unidade 7, no texto de **Fundamentos da Educação**, falaremos mais especificamente da cultura infantil que se mostra principalmente através da brincadeira. No Módulo IV, ao falarmos do planejamento e do trabalho com as diferentes linguagens, nosso enfoque será sempre a criança. A criança, através da imaginação e da fantasia, cria um mundo rico, produz uma cultura que lhe é peculiar e que nós devemos estar atentos para a realização do trabalho pedagógico na Educação Infantil. Pois, como diz Mario Quintana na poesia, a criança inventa o mundo numa lata de sardinha:

Lili inventa o mundo

*Lili vive no mundo do faz-de-conta.
Faz-de-conta que isto é um avião, zum...
Depois aterrizou em pique e virou trem.
Tuc, tuc, tuc, tuc...
Entrou pelo túnel chispando.
Mas debaixo da mesa havia bandidos.
Pum! pum! pum! pum!
O trem descarrilhou! E o mocinho? Meu Deus!
No auge da confusão, levaram Lili para a cama a força.
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
Fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.*

(Mario Quintana, 1983)

PARA RELEMBRAR

- Olhar e perceber o mundo é algo que pode ser aprendido. Aprendemos a olhar, a perceber, a significar o mundo a partir das mediações.
- Ao olhar para os brinquedos e para as brincadeiras das crianças, podemos perceber a sua compreensão do mundo. Ou seja, embora normalmente as crianças brinquem de forma espontânea e natural, a brincadeira sempre revela a cultura de uma época, os valores que a sustentam, os costumes que a caracterizam e as manifestações artístico-religiosas de que se revestem.
- A mediação do adulto é uma constante na vida das crianças, seja na escola, na família ou na comunidade.
- Ao estar atento a todas as possibilidades de brinquedos e brincadeiras, o(a) professor(a) atua como mediador(a) entre a criança e o mundo que a cerca, trazendo a cultura e ampliando as possibilidades de a criança significar o mundo à sua volta.
- Seja o cinema, a televisão, a literatura, a poesia, o teatro, os brinquedos, as histórias em quadrinhos, o álbum de figurinhas, os jogos digitais, ou qualquer outra produção cultural para a criança, acreditamos que a relação das crianças com essas produções necessita da mediação dos adultos. E, no que diz respeito ao lugar dessa produção cultural no contexto da creche, pré-escola ou escola, acreditamos que as crianças têm direito ao acesso a todos os bens culturais e a se expressarem nas diferentes linguagens que permeiam essas produções.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

Ao longo deste texto, falamos sobre a importância da mediação do adulto para que a criança aprenda e se desenvolva. Esse lugar de mediador é fundamental para o trabalho do(a) professor(a) na Educação Infantil.

Esteja sempre atento às manifestações das crianças, para que você possa valorizar as produções delas. Sugerimos que você tenha um caderno em que possa registrar essas observações. Esse exercício será muito útil para o trabalho proposto em várias unidades do PROINFANTIL.

O poema “Viver”, que você leu no início deste texto, é do poeta, contista, professor e desenrolador de brincadeiras, Francisco Marques, também conhecido como Chico dos Bonecos. Em seu livro “Muitos dedos: enredos, um rio de palavras deságua num mar de brinquedos”, Francisco Marques (2005) traz muitas sugestões para a mediação do olhar da criança através dos poemas, do teatro, das fábulas e dos brinquedos. Um convite a inventar e reinventar o olhar sobre o mundo:

*afinal, tudo termina sem acabar e acaba sem terminar
e a melhor parte ainda vai começar.*

(Francisco Marques, 2005. p. 73)

GLOSSÁRIO

Gibiteca: espaço organizado com revistas de histórias em quadrinhos, semelhante a uma biblioteca.

Mídia: a televisão, as revistas, o rádio, os meios de comunicação que transmitem as informações faladas e escritas.

Parafernália eletrônica: refere-se a todos os produtos eletrônicos, como televisão, rádio, computador etc.

Jogos digitais: são jogos que utilizam tecnologia eletrônica.



SUGESTÕES PARA LEITURA

BROUÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Coleção Questões da Nossa Época, v. 43. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FRIEDMANN, Adriana. *A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

KISHIMOTO, Tizuco Mochida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MAGALHÃES, Cláudio M., BENDER, Ivo. *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto alegre: Mercado Aberto, 2003.

MARQUES, Francisco. *Galeio: uma antologia poética para adultos e crianças*. São Paulo: Peirópolis, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Raquel. *História de brinquedos e brincadeiras*. In: <http://www.escolaoficialudica.com.br/brincadeiras/historias.htm> (acesso em 22.06.2005).

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. vol. II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BROUÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Coleção Questões da Nossa Época, v. 43. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

CADMARTORI, Ligia. *Crianças e quadrinho*. In: MAGALHÃES, Cláudio M., BENDER, Ivo. *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 45-62.

CARVALHO, Adriana Cintra de, OLIVEIRA, Marcelo Pires de. *Leitura de histórias em quadrinhos: uma prática discursiva entre crianças não-alfabetizadas*. In: <http://www.csonlineunitau.com.br/comu/artigo2.html> (acesso em 21.06.05).

FRANCO, Camila, PIRES, Marcelo. *Liga-Desliga*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1992.

FRIEDMANN, Adriana. *A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAGALHÃES, Cláudio M. *Criança e televisão: uma relação superpoderosa*. In: MAGALHÃES, Cláudio M., BENDER, Ivo. *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 113-136.

MARQUES, Francisco. *Galeio: uma antologia poética para adultos e crianças*. São Paulo: Peirópolis, 2004.

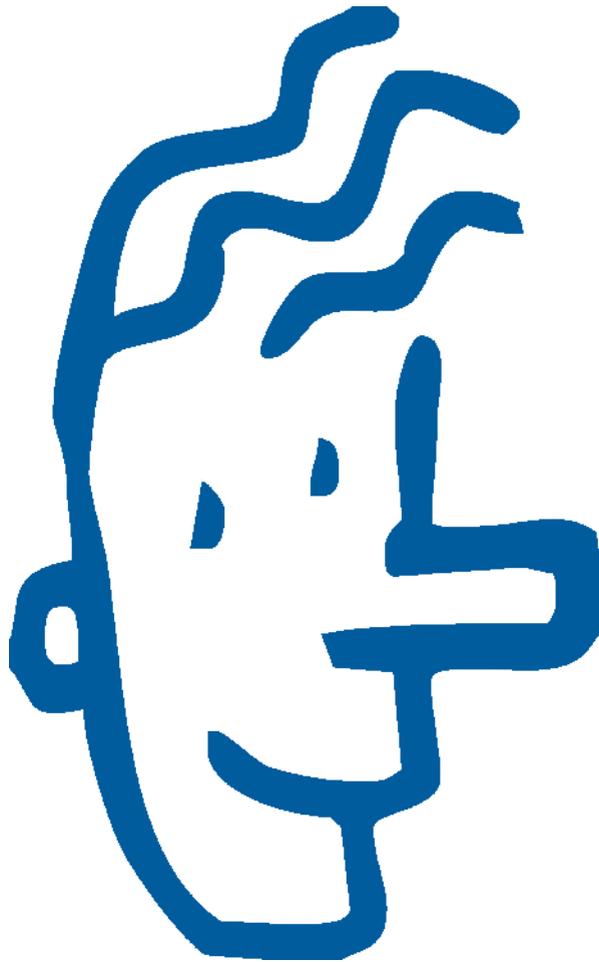
_____. *Muitos dedos: enredos. Um rio de palavras deságua num mar de brinquedos*. São Paulo: Peirópolis, 2005.

PEREIRA, Vera Wannmacher. *Figurinha difícil*. In: MAGALHÃES, Cláudio M., BENDER, Ivo. *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 63-82.

QUINTANA, Mario. *Lili inventa o mundo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SALGADO, Raquel Gonçalves. *"Eu tenho a força!"*: os super-heróis mirins nos desenhos animados e na vida. In: JOBIM, SOUZA, Solange (org.) *Educação@ Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p.75-87.

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Nas Unidades 3 de *Fundamentos da Educação* e *Organização do Trabalho Pedagógico* que acabamos de estudar, discutimos o tema cultura e infância e aprendemos que no conceito de cultura estão implicados os significados que o homem produz a partir das relações que ele estabelece na sua vida em sociedade. Aprendemos também que a criança produz cultura ao atribuir um novo significado ao que está ao seu redor.

O(a) professor(a) e a instituição de Educação Infantil ocupam um papel importante na mediação da relação da criança com a cultura, com a produção cultural direcionada à infância e com a produção da própria criança enquanto sujeito histórico e social.

ATIVIDADE INTEGRADORA

No encontro quinzenal você tem tido oportunidade de trocar sugestões e conhecimentos, tirar dúvidas e fazer questionamentos. Nesse próximo encontro, trazemos mais uma orientação para que essa troca seja proveitosa para todo o grupo.

Antes do encontro quinzenal:

1. *Releia os textos das unidades de FE e OTP, destacando nessa leitura as possibilidades de mediação do(a) professor(a) e da instituição no processo de construção e interação da criança à cultura apresentada nos respectivos textos;*

2. *Leve para o encontro quinzenal:*

- *O levantamento feito sobre o patrimônio cultural do seu município.*
- *O que você pode observar sobre as diferentes culturas e manifestações culturais representadas nas crianças e suas famílias: festas, brincadeiras, costumes etc..*
- *O que você pode identificar como produção cultural para a infância: revistas, vídeos, literatura etc.*

Durante o encontro:

Pensando na prática pedagógica, o grupo poderá planejar atividades que tenham como objetivo proporcionar a interação da criança com a cultura. Para realizar essa tarefa, propomos, no encontro quinzenal, a criação de três grupos com as seguintes sugestões:

- 1. Planejar uma atividade que valorize e proporcione a interação das crianças com o patrimônio cultural do seu bairro ou município.*
- 2. Planejar uma atividade que valorize as diferenças culturais das crianças e suas famílias.*
- 3. Planejar uma atividade que envolva a criança com a produção cultural para a infância, de modo crítico e criativo.*

Após a realização da tarefa, cada grupo deve apresentar a atividade planejada. É importante explicar a que grupo de crianças ela se destina. O grupo todo deve avaliar as atividades propostas, observando se elas atendem ao objetivo traçado.

Uma sugestão para os encontros quinzenais é ter uma pasta onde essas e outras sugestões possam ser arquivadas e disponibilizadas para consultas ao longo do PROINFANTIL.

